

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS II
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

***“PRÁTICA DE ENSINO: CAMINHO PARA O PROCESSO ENSINO-
APRENDIZAGEM”***

Texto apresentado pela aluna Lígia M^ª
Pereira da Silva, resultado das experiências
no Estágio Supervisionado no final do
curso, orientado pela professora Eronides
C. Donato.

Campina Grande, Junho de 1997



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

“O passado não vale por si exclusivamente, mas sobretudo pelo que responde às inquietações o presente”. (Victor Sá)

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram direta ou indiretamente para que alcançasse meus objetivos, respeitando as minhas limitações e particularidades.

A vitória dessa conquista é dedicada primeiramente a "Deus", que com a sua infinita bondade, ajudou-me a vencer os obstáculos que se impuseram no meu caminho nos momentos mais diversos de minha vida.

Aos meus pais - A minha gratidão e meu amor pelo apoio que me prestaram no decorrer dessa caminhada. E que nas horas de mais desestímulos foram fonte de otimismo e persistência para que eu continuasse no curso, a quem sou eternamente grata.

Aos meus queridos irmãos e sobrinho Luan Fellipe. Pelo incentivo, paciência e compreensão que me deram, que só me fizeram a continuar na caminhada.

Aos meus colegas do curso, que conquistei durante esses anos e que com certeza estarão na minha lembrança como dias inesquecíveis, e que apesar das dificuldades, tivemos momentos de descontração.

À turma do Estágio Supervisionado, o meu agradecimento pela amizade e a dedicação de vocês, que com certeza contribuiu para dias inesquecíveis nessa difícil jornada. Além de nossa troca de experiência que ajudou-nos a crescer intelectual e profissionalmente.

À minha gratidão especial a Eronides Câmara Donato pela orientação ao meu aprendizado, que possibilitou-me um crescimento intelectual e pessoal. Principalmente pela orientação nas atividades finais do curso.

ÍNDICE

Agradecimentos

Apresentação

Introdução

Capítulo I

Capítulo II

Capítulo III

Considerações Finais

Bibliografia

Anexos

Anexos I e II. - Planejamento do 1º e 2º graus

Anexos III e IV - Planos de aula do 1º e 2º graus

Anexos V e VI - Textos do 1º e 2º graus

Anexo VII - Recursos didáticos

Anexo VIII - Exercícios escritos da 5ª série

Anexo IX - Avaliação do 2º grau

Anexo X - Lista de presença do 1º e 2º graus

APRESENTAÇÃO

Este relatório tem como objetivo relatar e refletir as nossas experiências no Estágio Supervisionado da Prática de Ensino em História de 1º e 2º graus, durante o período 97.1 na Escola Estadual da 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira (Estadual de Bodocongó).

Espero que essa atividade final de curso, contribua, mesmo que de forma incipiente para os futuros concluintes, que com certeza passaram pela prática de ensino, pois apenas demos um primeiro passo, para futuros caminhos da prática de ensino de História de 1º e 2º graus, de formar cidadãos conscientes e críticos da sua própria realidade.

INTRODUÇÃO

A nossa prática de ensino do período 97.1 foi uma experiência "diferente", das práticas realizadas em períodos anteriores. A nossa preocupação era mostrar a importância do planejamento para os professores de 1º e 2º graus, pois é a partir da organização dessa atividade que o professor direcionará todas as suas ações e decisões em face dos objetivos propostos. Dessa forma, procuramos desenvolver um planejamento que não tivesse uma linha de ação fechada, inflexível, mas que possibilitasse haver alteração no mesmo, na medida que ocorresse comunicação entre nós/estagiários e os alunos, para que assim, fosse possível fazer modificações para o aperfeiçoamento do nosso planejamento.

Nesse sentido, como o planejamento é uma atividade de reflexão acerca de nossas ações e opções, procuramos dessa forma ao elaborá-lo contribuir para a formação de cidadãos conscientes de sua realidade, cientes que são sujeitos transformadores do conhecimento produzido.

No entanto, para seguirmos nessa linha, resolvemos optar a trabalhar com uma outra visão da história, como por exemplo, a foucaultiana que tem como conceitos: estratégias, resistência, disciplinarização, facilitando assim a compreensão dos alunos ao conteúdo trabalhado em sala de aula.

Dessa forma, como procuramos inovar em nossas aulas, deparamos com alguns problemas, como por exemplo, a resistência por parte dos alunos, pois a nossa intenção era fazê-los participar durante as aulas, para que o mesmo deixasse de pensar que a história está separada da sua realidade. Queríamos que tivessem prazer em estudar

história, como um conhecimento transformador da sua própria realidade. E não um conhecimento pronto, acabado, que cultua os heróis e os grandes homens.

Diante disso, procuramos utilizar a técnica da aula expositivo-dialogada, como um recurso dinamizador em sala de aula, para que despertasse no aluno um conhecimento crítico da sociedade. A nossa intenção era estimular a participação dos alunos, para que haja uma troca de experiência entre nós/estagiárias e alunos numa relação dialógica.

Neste caso, para melhor organização, este relatório está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo dedicamos exclusivamente ao planejamento para aulas de História a nível de 1º e 2º graus, procurando entender primeiramente o que seria um planejamento e quais os elementos que compõem esse planejamento.

No segundo capítulo, apresentaremos as nossas experiências no estágio supervisionado na Escola Ademar Veloso da Silveira. A nossa experiência foi muito gratificante, primeiramente por termos trabalhado em grupo, facilitando assim o nosso aprendizado. E por sabermos que é possível se trabalhar nas escolas públicas com uma proposta nova, basta dedicação e compromisso com o ensino.

No terceiro capítulo, o nosso objetivo será refletir em torno de uma discussão teórica, que no caso escolhido foi a técnica da aula expositivo-dialogada, como um recurso dinamizador em sala de aula, mostrando que é possível transformar essa técnica em um recurso dinâmico, criativo e que desperte a curiosidade do aluno.

Portanto, é nesta ordem que está organizado o trabalho, espero que sirva de parâmetro para outras atividades de futuros concluintes.

I CAPÍTULO

Desvendando os Mistérios do Planejamento em História: uma experiência singular

Planejamento

Este capítulo se propõe a discutir o planejamento para professores de História de 1º e 2º graus, com a preocupação de elaborarmos um plano que estimulasse a participação dos alunos, para que os mesmos, descobrissem a sua importância para um bom desenvolvimento das aulas.

Para maior entendimento definiremos o que é planejamento, qual a sua importância para os professores de 1º e 2º graus ao preparar a sua aula, e quais os itens que fazem parte de um planejamento.

Segundo Abreu e Masseto (1987)¹

"... um plano de ensino, portanto, é a apresentação, sob forma organizada, do conjunto de decisões tomadas pelo professor em relação à disciplina que se propôs a lecionar. É feito, portanto, antes do curso se iniciar efetivamente; não é porém, uma linha de ação fechada, inflexível, pelo contrário, deve ir-se adaptando à medida que a interação com os alunos vai ocorrendo. Nesse sentido, os próprios alunos co-participam, mais ou menos ativamente, das decisões do professor sobre o curso".

Neste sentido, podemos observar como é essencial para um bom desempenho do professor de História de 1º e 2º graus organizar de forma clara o seu planejamento, para que assim o mesmo possa ser

¹ - Cf. ABREU, M^ª Célia de. MASSETO, Marcos Tarciso. *O Professor Universitário em Aula*. 6ª ed.. São Paulo: MG Editores Associados. 1987. cap. II.. III e IV.. p. 16

entendido pelos seus alunos, isto é, no que diz respeito aos objetivos que o professor deseja alcançar em sala de aula. Pois, o planejamento vai direcionar os passos do professor, mas isso não quer dizer que não possa haver alteração no mesmo no decorrer de suas aulas, na medida que vai ocorrendo comunicação entre professor e alunos, o professor poderá fazer modificações possível para o aperfeiçoamento de seu planejamento.

Como vemos é imprescindível o planejamento para professores de 1º e 2º graus, pois é a partir dessa atividade que o professor terá subsídios para direcionar o seu trabalho, o que precisa ser modificado e reelaborado, para que possa dá continuidade as suas aulas da melhor maneira possível, além de que o planejamento irá possibilitar uma relação professor-aluno mais harmoniosa. "*A tarefa de planejar passa a existir como uma ação pedagógica essencial ao processo de ensino, superando sua concepção mecânica e burocrática no contexto do trabalho docente...*"²

Portanto, essa atividade deve ser levada muito a sério pelo profissional que tem prazer nas atividades desenvolvidas. E não fazer o que vem acontecendo nas nossas escolas atualmente, onde o planejamento é deixado em segundo plano, ou em geral quando utilizam o plano do ano que passou. Ou ainda, procuram fazê-los de forma não democrática, impedindo a participação do aluno, pois sabem que não há cobranças por parte da direção da escola.

Um bom exemplo do que foi dito acima, está no texto *Carbono para Planejamento*, onde o planejamento é feito por D. Chiquita para os professores, que consideram o mesmo como uma atividade chata, e que toma muito tempo para se fazer, preferem pagar a D. Chiquita, do

² - Cf. LOPES. Antônia Osima. *Aula Expositiva: superando o tradicional*. In: VEIGA, I. P. A. (org.) Técnicas de Ensino: Por que não? Campinas: Papyrus. 1981.

que fazerem elas mesmas. Pois sabem que o diretor "*ele pega, dá uma olhada por cima e tranca na gaveta*".³

É essencial para o planejamento de professores de 1º e 2º graus, que haja uma certa inter-relação com os demais professores que lecionem disciplinas afins, pois em conjunto essa atividade se tornará uma experiência muito rica, onde as dúvidas e acréscimo de ambas serão fundamentais para a conclusão de um planejamento.

O professor de 1º e 2º graus tem que ter consciência da responsabilidade e cuidado ao preparar um planejamento, pois é a partir da organização deste, que direcionará todas as suas ações e decisões, para que assim possa contribuir para a aprendizagem dos alunos. "*A planificação será sempre o marco de referência necessário para o professor verificar até onde chegou e o que lhe falta ainda alcançar...*"⁴

O que se deve ter em mente ao fazer um planejamento de um ano letivo, é quanto os elementos que compõem o mesmo: o professor deve definir os objetivos, os conteúdos, a metodologia e as formas de avaliação que devem estar coerentes com a própria disciplina e seus objetivos (Ver anexo I e II)

No entanto, são esses os elementos que o professor de História de 1º e 2º graus deve levar em consideração ao fazer o seu planejamento, para que assim possa contribuir na formação de cidadãos críticos e questionadores da sociedade da qual faz parte.

Segundo Freire (1981)

"... os estudantes não são considerados como vasos vazios a serem preenchidos com fatos, mas

³ - Cf. "Carbono para Planejamento". In: Magistério e Mediocridade. p. 35

⁴ - Cf. PROENÇA, Mª Cândida. *Ensinar Aprender - Questões de Didática Aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte. 1990.

são pensadores e agentes sociais, capazes de decifrar o mundo à sua volta..."⁵

Portanto, não interessa mais aos alunos estudar o passado sem nem uma ligação com o presente, essa história é considerada pelos alunos odiosa, por ser um conhecimento pronto, acabado, cheio de datas, fatos e causas, tornando-a um conhecimento decorativo. O que os fazem vibrar é aquela história que os levem a pensar, onde as suas próprias experiências são importantes para o entendimento desta. A história para os alunos só se tornará importante a partir do momento, que esta possibilitará criar cidadãos conscientes e problematizadores de sua realidade, cientes que são sujeitos transformadores do conhecimento produzido. E para isso nada mais importante do que a figura do professor para abrir caminhos ainda não conhecidos pelos alunos.

Para Felgueiras (1994) ⁶

"... o papel do professor é o de alargar os interesses dos alunos para campos mais vastos e ainda não conhecidos por eles..."

O nosso planejamento do estágio supervisionado foi uma experiência muito gratificante, pois o que pretendíamos era fazer um planejamento "diferente", que contribuísse para que o aluno percebesse uma história crítica, colocando a sua opinião e reflexão a respeito do seu papel transformador da escola e da história. Para isso discutimos com a orientadora e resolvemos trabalhar coletivamente, para que assim, o

⁵ - Cf. FUNARI, Pedro Paulo A. e ALVES, Júlia Falivene. *O Ensino de História no Segundo Grau: uma Experiência*. Campinas (SP): IFCH / Unicamp

⁶ - FELGUEIRAS, Margarida Louro. *Pensar a História - Repensar o seu Ensino. A disciplina de História no 3º ciclo do Ensino Básico. Alguns princípios orientadores da metodologia do ensino*. Portugal: Porto Editora. 1994. p. 39

rendimento fosse mais proveitoso. Estaríamos discutindo em grupo, vencendo conjuntamente as nossas dificuldades e encontrando caminhos para superá-los.

O que nos preocupou seriamente, diz respeito ao livro didático. Como trabalhar o livro didático sem segui-lo passo a passo? Infelizmente não era possível fugir dele, mas não queríamos trabalhar com a história tradicional que cultua os heróis e engrandece os grandes homens. A partir desse momento resolvemos optar a trabalhar com uma visão da história, como por exemplo, a foucaultiana, que trabalha temas que até pouco tempo era marginalizados pela historiografia, como: amor, sexualidade, loucura, mentalidade. Então foi decidido pelo grupo, inovar e trabalhar com a linha foucaultiana que tem como conceitos: estratégia, resistência, relação de poder, disciplinarização.

Segundo Lopes

*"... os conteúdos a serem estudados, como já fazem parte do currículo previamente estruturado, deverão passar por uma análise crítica com vistas à identificação daquilo que representa o essencial e o que representa o secundário a ser aprendido..."*⁷

Neste sentido, como não era possível fugir do currículo da escola, procuramos dá um novo sentido aos conteúdos, ou seja, decidimos reelaborar os conteúdos a partir do corte cultural, seguindo como já foi dito acima a linha foucaultiana.

A partir desse momento passamos a selecionar os conteúdos, teríamos que privilegiar aqueles que se encaixassem melhor com o eixo cultural trabalhado por nós, mas isso não quer dizer que não poderíamos trabalhar com eles posteriormente. A nossa intenção era levar o aluno a

⁷ Cf. LOPES. Antônia Osima. *Repensando a Didática*. In: Planejamento do Ensino numa Perspectiva Crítica de Educação. 11ª ed.. São Paulo: Papyrus. 1996

pensar criticamente a história e que esta não esteja separada do presente, e não aquela história que estuda unicamente o passado.

Para Felgueiras (1994)⁸

"... a história já não é, curiosidade ou nostalgia do passado, coleção de imagens sedutoras ou gloriosas, mas desejo de um conhecimento explicativo, útil para o presente..."

Seguindo essa linha, os conteúdos a serem trabalhados nas 5ª séries, falavam de estratégias utilizadas pelos portugueses para impor aos nativos toda uma relação de poder, trabalhando também o processo cultural que os portugueses impuseram aos índios através do processo de disciplinarização. O conteúdo trabalhado por nós no 1º ano do 2º grau, tratava-se da História da Paraíba, procuramos fazer com que os alunos percebessem quais foram as estratégias utilizadas pelos holandeses para conquistar a Paraíba e a resistência da população para impedir a sua consolidação. Mostrando também as contribuições culturais deixadas pelos holandeses na Paraíba.

Portanto, esses conceitos utilizados por nós deveriam ficar claro para os alunos, tanto é que, no momento da exposição do conteúdo, estes deveriam ficar entendidos pelos alunos, que estavam acomodados àquela aula tradicional, que não os levava a questionar, a criticarem, a

⁸ - FELGUEIRAS, Margarida Louro. *Pensar a História - Repensar o seu Ensino. A disciplina de História no 3º ciclo do Ensino Básico. Alguns princípios orientadores da metodologia do ensino*. Portugal: Porto Editora. 1994. p. 17

participarem da aula. A linha que seguimos tinha como objetivo levar o aluno a questionar, a fazer perguntas sobre o conhecimento produzido e não a aceitar este, como única verdade.

A nossa preocupação neste momento era elaborar os objetivos gerais e específicos, onde deveria estar explícito os conceitos trabalhados por nós e que estivessem de acordo com a nossa proposta teórico-metodológica. Dessa forma, vejamos o objetivo geral e o específico elaborados para as 5ª séries e os do 1º ano do 2º grau. (Ver anexo III e IV)

Objetivo Geral:

Discutir o processo cultural e as relações de poder a partir das estratégias de disciplinarização que os portugueses impuseram aos nativos no Brasil-colônia até a Independência do Brasil.

Objetivo Específico:

Analisar a chegada dos europeus, discutindo as especificidades culturais dos portugueses e dos nativos a partir do encontro destas culturas.

Objetivo Geral:

Analisar a História da Paraíba desde os tempos coloniais até os dias atuais, levando em consideração as estratégias utilizadas pelos holandeses para sua ocupação e para implementação das relações de trabalho, compreendendo o processo de resistência, através dos movimentos sociais, e

analisando sua ideologia. Para compreender o processo de modernização da Paraíba a partir deste século, discutiremos as estratégias culturais implementadas pela modernidade através do Estado.

Objetivos Específicos:

Discutir a situação da Paraíba do período colonial e as estratégias portuguesa, francesa e holandesa utilizadas na ocupação e conquista.

Como vemos os conceitos escolhidos por nós, teriam que ficar claros nos objetivos gerais e específicos, para que assim possam ser trabalhados em sala de aula, com o objetivo de fazer os alunos perceberem que a história não está desligada do seu presente, mas que eles próprios são sujeitos do conhecimento.

A partir daí teríamos que especificar o corte temporal e o conceitual. No corte temporal teríamos que trabalhar o tempo/espço que determinado assunto tinha ocorrido, por exemplo trabalhamos nas 5ª séries o período que vai de 1500 a 1822. No corte conceitual deveríamos deixar explícito os conceitos escolhidos por nós, como: estratégias relação de poder, disciplinarização, resistência. Esses conceitos além de serem trabalhados por nós durante a exposição do conteúdo em sala de aula, teriam que estar presentes nos textos produzidos. (Ver anexo V e VI)

Para Alvarenga (1990)⁹

"... Ao elaborar um programa de estudo, temos fundamentalmente o princípio de procurar criar no aluno uma postura crítica em relação ao conhecimento produzido, de tal forma que lhe seja possível perceber os pressupostos de cada autor, os conceitos com os quais trabalha, a sua visão sobre a história..."

Com relação a metodologia, procuramos trazer para sala de aula recursos didáticos, que prendesse a atenção do aluno, provocando a sua curiosidade, para que os mesmos pudessem participar no momento da exposição do conteúdo.

No entanto, como a nossa proposta teórico-metodológica era "diferente", ou seja, teríamos como objetivo criar cidadãos conscientes e críticos da realidade, procuramos utilizar recursos dinâmicos, ativos e concretos que possibilitasse o crescimento do aluno. Fazendo com que de certa forma a metodologia pudesse ser construída ao longo das aulas, pelos alunos e professores/estagiários.

A técnica utilizada por nós foi a aula expositivo-dialogada, procurando incentivar a participação dos alunos, para que a aula não se tornasse aquela aula tradicional, mas sim dinâmica, participativa, ou seja, que haja uma troca de experiência entre professor e alunos. No entanto, para complementar a aula expositivo-dialogada utilizamos cartazes, mapas e esquemas para melhor compreensão dos conteúdos (Ver anexo VII). Como também utilizamos exercícios após o término do

⁹ - Cf. ALVARENGA, Leide Divina. *Cadernos de História*. Universidade Federal de Uberlândia - Departamento de Ciências sociais- Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. Vol. 1. nº 1 - Uberlândia. 1990. p. 25

conteúdo, para sabermos qual o entendimento do aluno, quais as suas dificuldades (ver anexo VIII).

Procuramos utilizar como recurso o método comparativo, uma experiência muito gratificante, pois vimos como os alunos participavam, fazendo relação entre os acontecimentos passados e as suas próprias experiências. Nesse sentido procuramos fazê-los entender que o passado não está separado do presente. "*Centrar a aprendizagem na realidade social do aluno como agente capaz de propor questões ou dispor de conhecimento a partir de sua própria experiência...*"¹⁰

Ao término de nossas aulas elaboramos uma avaliação, para sabermos se os nossos objetivos tinham sido alcançados. Para isso tivemos o cuidado de elaborar questões subjetivas, que levasse o aluno a fazer reflexões acerca do conhecimento produzido, e que o mesmo descobrisse que faz parte desse conhecimento (ver anexo IX).

Para Kenski¹¹, a principal função da avaliação é "*permitir uma análise da realidade educacional, seus avanços, a descoberta de problemas novos, de novas necessidades ou de outras dimensões possíveis de serem atingidas...*".

A nossa preocupação neste momento era saber exatamente quais as dificuldades, o que ficou entendido para os alunos, para que assim pudéssemos discutir e repensar sobre a questão da avaliação.

Dessa forma, o que nos preocupou foi a redação, a falta de clareza das idéias, as dificuldades de escrever e argumentar sobre aquilo que está sendo pedido. Tentamos levar em consideração ao lermos as avaliações o esforço que fizeram para responder as questões como tinha

¹⁰ - Cf. Reflexões sobre a Prática Diária no Ensino de História: vários autores. IN: Revista Brasileira de História. v. 9 e 19. São Paulo. p. 48

¹¹ - Cf. KENSKI. V. M. Op. cit. p. 143

sido pedidas. Portanto, a partir disso o nosso olhar voltou-se para o sentimento, a emoção, as idéias do aluno ao se expressar por escrito.

Ainda a mesma autora¹²

"... Parceiros na dinâmica da sala de aula professor e aluno devem participar de todo o processo de avaliação. Nesse processo não devem estar em julgamento apenas o grau de aprendizagem alcançado pelo aluno, mas, também, muitos outros questionamentos. Precisa ocorrer durante o processo a avaliação, de cada uma das partes, a forma como o conhecimento vem sendo ensinado, os recursos que estão sendo utilizados e os objetivos que estão orientando a aprendizagem e que são possíveis de serem alterados de acordo com as novas necessidades sentidas pelo grupo..."

Entendemos que a avaliação é uma atividade que deve ser levado a sério pelo professor e não aleatoriamente. Para que o mesmo possa levar em consideração os acertos e erros dos alunos, e não aquele processo avaliativo de prova escrita que não mede o conhecimento do aluno.

Portanto, no capítulo seguinte iremos trabalhar as nossas experiências em sala de aula, mostrando as dificuldades encontradas e as nossas expectativas enquanto aluno/estagiário.

¹² - idem. ibidem. p. 140

CAPÍTULO II

DISCUSSÃO ENTRE O VIVIDO E O APRENDIDO

Este capítulo tem como objetivo refletir sobre nossas experiências no estágio supervisionado nas escolas de 1º e 2º graus. A disciplina prática do Ensino de História no 1º e 2º graus, exige dos alunos, estágios em escolas para a conclusão do curso. A mesma tem como coordenação da professora Eronides Câmara Donato.

A nossa prática de ensino do período 97.1 teve início no referido dia dez de março do corrente ano. A turma concluinte compareceu ao primeiro dia de aula, pois estávamos todos apreensivos, por ser uma disciplina indispensável para a conclusão do curso. A ansiedade era bastante visível, estávamos de frente a uma disciplina, que de certa forma era "diferente" de todas as outras disciplinas "pagas" no decorrer do curso, por não sabermos como essa prática se processava, tínhamos conhecimento do estágio supervisionado através dos comentários feitos pelos colegas concluintes do curso. A partir desse momento começávamos a vivenciar a prática de ensino. Nada mais natural do que nosso medo, apreensão em depararmos com uma situação nova, porém gratificante, por sabermos que estávamos próximos a realizarmos o nosso sonho de conclusão de curso.

A primeira atividade na prática de ensino foi definirmos todos os nossos passos no decorrer desse período, ou seja, a coordenadora da disciplina, a professora Eronides Câmara Donato nos falou da seriedade que deveríamos ter com a prática de ensino, mostrando-nos os caminhos para se fazer uma prática satisfatória e também os vários obstáculos que iríamos enfrentar durante o nosso estágio supervisionado.

Dessa forma, ficou acertado que o estágio supervisionado seria na mesma escola dos alunos/estagiários do semestre passado. A Escola Estadual de Bodocongó Ademar Veloso da Silveira. No dia 19 de março fomos falar com a diretora sobre o nosso estágio supervisionado do período 97.1, por infelicidade, a diretora geral que está a frente da direção há seis anos, não se encontrava no colégio, somente a diretora que foi eleita há pouco tempo, que nos recebeu muito bem, comprometendo-se a falar com a diretora geral e posteriormente dá a resposta a nossa orientadora Eronides C. Donato.

Apesar de todos esses contratemplos, não perdemos completamente a tarde, tivemos a oportunidade de darmos uma olhada em alguns planos da disciplina História e escolhemos os mais recentes para serem discutidos em sala de aula por nós/estagiários e a orientadora. Neste momento tivemos a certeza do que a orientadora vinha nos falando em discussões na universidade. O desinteresse e descompromisso dos professores com o planejamento, no entanto voltamos ao colégio no dia 01-04-97 e ficou decidido que começaríamos no dia 05.04.97. As turmas cedidas foram as seguintes: as 5ª séries do turno tarde e no meu caso particular o 1º ano do 2º grau à noite.

No nosso primeiro momento na escola, percebemos que os professores já tinham uma imagem negativa dos alunos, onde afirmavam que eles "não querem nada, são desinteressados", portanto, não adiantaria se preocupar com os mesmos. Dessa forma, encontramos um "retrato" feito dos alunos pelos professores.

Ao refletir sobre esse parágrafo acima, comecei a questionar se realmente a culpa é somente dos alunos? Será que o professor também não tem uma grande parcela de culpa, pelo desinteresse dos alunos em relação à disciplina História?

Segundo as autoras Camargo, Zamboni e Galzerani (1990)¹

"... Apesar de terem consciência da necessidade de maior participação dos alunos nas aulas, demonstram centrar sua atenção muito mais nas suas próprias visões, interesses e desejos..."

Neste sentido, o que fazem para aumentar o desinteresse dos alunos em relação à disciplina História. Em primeiro lugar, em geral, seguem a linha tradicional, onde a história é estritamente factual, ou seja, uma história que cultua os heróis e os grandes homens. Com isso tornando a aula de História uma matéria chata, por ter que decorar datas, causas e fatos. De certa forma o aluno incorpora esta perspectiva, a sua presença em sala de aula, tem um único objetivo, o interesse de obter uma nota. Em segundo lugar, que de certa forma está ligado com o primeiro, é quando o professor segue uma linha tradicional, logicamente, sente-se como o centro de todo o conhecimento, estimulando a passividade dos alunos, ou seja, não lhe dá oportunidade de participar durante as aulas. Tornando com isso as aulas monótonas, aumentando assim o desinteresse pela História.

Dessa forma, na medida que fomos nos habituando no colégio, percebemos o desrespeito dos professores para com os alunos. Sentimos uma grande insatisfação por parte deles em relação ao aprendizado de história. Essa insatisfação passava pela questão do livro didático, pelo fato deles não verem sentido em estudar o passado, e por uma história cheia de datas e nomes, colocando o conhecimento como verdade absoluta. Além disso, os textos entregues pelos professores aos alunos, quando isso ocorre, é uma cópia fiel da história tradicional. Com isso desestimulando o aluno a ter uma participação ativa em sala de aula.

¹ - Cf. *Sabor e Dissabores do Ensino de História*. Vários autores. In: *Revista Brasileira de História*. v. 9 e 19. São Paulo. 1990. p. 185

Para Leila Floresta Oliveira (1990)²

"...os alunos reclamavam dos livros didáticos, geralmente dados pelo Estado, ou dos próprios textos produzidos pelos professores, que acabavam sendo uma reprodução da história oficial..."

Contudo, percebemos que grande parte dos alunos demonstraram gostar de história, mas sentimos em alguns momentos críticas quanto a necessidade de uma maior eficiência no trabalho do professor. Como por exemplo, trabalhar com uma caligrafia mais legível, com explicações mais claras e um pouco de calma, para perceber se o aluno entendeu o conteúdo exposto, para que assim, possa voltar caso seja necessário tirar dúvidas.

Portanto, para as autoras Camargo, Zomboni, Galzerani (1990)³ há:

"... a necessidade do uso de uma caligrafia mais inteligível na lousa e uma linguagem, tanto verbal como escrita, mais próxima ao universo dos educandos, a relevância de se privilegiar também outras formas de avaliação e não apenas a prova individual escrita".

Analisando a preocupação acima, observamos o quanto o professor precisa se preocupar com o processo de aprendizagem dos alunos. Sentimos nos alunos do colégio que estagiamos, que os mesmos vivenciam esses mesmos problemas, o professor não se esforça em dá explicações mais claras, em melhorar a sua caligrafia no quadro e

² - Cf. Cadernos de História da Universidade Federal de Uberlândia. Departamento de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. vol. 1. Uberlândia. 1990. p. 07

³ - Cf. *Sabor e Dissabores do Ensino de História*. Vários autores. In: Revista Brasileira de História. v. 9 e 19. São Paulo. 1990. p. 186

principalmente em relação a sua linguagem, ou seja, utilizar-se de palavras conhecidas pelos alunos. Dessa forma, acaba prejudicando o entendimento do conteúdo que está sendo exposto em sala de aula.

Além desses desrespeitos ao aluno, verificamos durante o nosso estágio supervisionado, que não existe em sala de aula uma comunicação entre professor e aluno, ou seja, a relação professor-aluno. Partindo dessa observação, percebemos que o aluno acaba sendo prejudicado quanto ao aprendizado, pois neste momento o professor para eles "sabem tudo", não devem ser criticado e questionado. Inibindo de certa forma a participação dos alunos durante as aulas, com receio de levantar dúvidas e questões, e o professor o reprimir por interromper a aula.

No entanto, foi o que observamos durante o nosso estágio no colégio de Bodocongó, a distância professor-aluno, impedindo com isso, uma troca de experiência entre os mesmos. Para os alunos das turmas que estagiamos o professor nunca está disponível fora da sala de aula, para o caso de dúvidas sobre a aula, ou de trabalhos extra-classe, que precisam de uma orientação mais adequada. Nesse sentido, não havendo entre professores e alunos laços afetivos, acabará impedindo que haja reciprocidades de conhecimentos.

Cunha (1996)⁴

"... uma relação professor aluno ideal é aquela em que, torna as aulas agradáveis e atraentes, estimula a participação do aluno, sabe se expressar de forma que todos entendam, induz à crítica, à curiosidade e a pesquisa, procura formas inovadoras de desenvolver a aula, faz o aluno participar do ensino..."

⁴ - Cf. CUNHA, Maria Isabel da. *Repensando a Didática*. In: *A Relação Professor-aluno*. 11ª ed.. São Paulo: Papirus. 1996. p. 147

Portanto são por essas questões que se para muitos professores não tem sentido, acabam de certa forma dificultando a aprendizagem dos alunos.

A nossa experiência com o estágio supervisionado na escola de 1º e 2º graus, possibilitou-nos observar problemas que estão no dia-a-dia das escolas públicas. Primeiramente pelas dificuldades colocadas pelos professores que não podem inovar em sala de aula. Em geral, o discurso vai no sentido de afirmar que a escola não oferece uma infraestrutura adequada, como por exemplo, os recursos didáticos para tornar as suas aulas mais participativas, pelo contrário, ela oferece unicamente o quadro e o giz, isto quando o mesmo não falta. A escola não possui uma biblioteca, para momentos de pesquisa e leitura, como também não oferece recursos didáticos-pedagógicos como vídeo, slides capazes de tornar as aulas mais atrativas e estimular a participação e interesse dos alunos.

Neste sentido, se a escola não lhe oferece oportunidade de inovar a aula, não é obrigado que o professor se acomode diante da situação, é preciso que ele tenha entusiasmo para utilizar-se de recursos que estejam de mais fácil acesso, basta que o mesmo tenha criatividade e dedicação para com seus alunos.

Para a autora Franco (1990)⁵

"... contrapor a leitura do livro didático com um outro texto que possua uma visão histórica diferente e uma linguagem simples, procurando levantar as diferenças entre os dois através do debate com os alunos e não através da aula expositiva que mostra tais diferenças de imediato, sem discussão, pode ser um recurso adequado.

⁵ - Cf. Cadernos de História. Universidade Federal de Uberlândia. Departamento de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. vol. 1. nº 1. Uberlândia. 1990. p. 61

Enriquecer estes debates, na medida do possível, com artigos de revistas, fotografias, fontes históricas primárias e propor questionários que não exijam respostas exatas, mas sim análise e reflexão..."

Portanto, diante disso, é preciso que o professor acredite nele mesmo e nos alunos, para que assim, possa enfrentar os obstáculos que lhes é colocado no decorrer de sua carreira profissional, enquanto professor de 1º e 2º graus.

É importante que o professor perceba, que é necessário centrar a aprendizagem na realidade social dos alunos, ou seja, que se leve em consideração o aluno como sujeito transformador do conhecimento a partir de sua própria experiência de vida.

Diante disso, a nossa experiência em sala de aula nos proporcionou observar que se o conteúdo estiver vinculado a realidade dos alunos, permitirá facilmente os mesmos chegar ao conhecimento mais rápido.

Para proporcionar aos alunos uma aprendizagem adequada é preciso que o professor dê oportunidade aos alunos de colocar as suas dúvidas, críticas e questionamentos, incentivando assim, a sua participação em sala de aula, tornando-a criativa e estimuladora do conhecimento.

Apesar desses pequenos empecilhos, o que realmente dificultou a nossa experiência em sala de aula, foram os problemas encontrados no colégio. Primeiramente, foi a questão do revezamento de carteiras⁶, que impedia o desenvolvimento do nosso trabalho, como também a falta d'água, paralisação, prejudicando tudo aquilo que tínhamos planejado. Pois íamos preparadas para darmos a nossa aula,

⁶ - Com o aumento dos alunos no ano letivo do colégio, a direção do mesmo foi obrigada a fazer revezamento de turmas, devido a falta de carteiras.

mas por qualquer desses problemas era motivo para não ter aula, isso mostra o desrespeito dos professores e da escola em relação aos alunos, pois não se preocupam com a qualidade do ensino, que está sendo ministrada para seus alunos. Com isso decepcionando a nós estagiárias, devido as dificuldades encontradas na experiência da sala de aula.

O que nos animou foi o interesse dos alunos em nos receber no colégio, pois a nossa proposta era inovar, deixar a aula mais criativa e participativa, onde os alunos tinham a oportunidade de trazer para sala de aula os seus próprios conhecimentos e mais ainda serem discutidos na medida do possível com o conteúdo que estava sendo trabalhado. E não aquela aula de história que estuda unicamente as "coisas do passado", sem fazer relação com o presente.

Portanto, acreditamos que as dificuldades e o desistímulo por parte de nós estagiárias, durante a nossa experiência em sala de aula foram superadas, graças a nossa integração desde o primeiro passo, que foi o planejamento, como já foi tratado no capítulo do planejamento. Nesse sentido acreditamos que esse foi um dos pontos positivos em nossa experiência no estágio supervisionado.

Segundo Piconez (1994)⁷

"... o estágio não pode ser encarado como uma tarefa burocrática a ser cumprida formalmente, muitas vezes desvalorizada nas escolas onde os estagiários buscam espaço. Deve, sim, assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora, de troca de serviços e de possibilidades de abertura para mudanças..."

⁷ - Cf. PICONEZ, Stella C. B (coord). *A prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. 2ª ed.. Campinas. São Paulo: Papirus. 1994. p. 65 (coleção Magistério. Formação e Trabalho Pedagógico)

No terceiro capítulo, iremos trabalhar em torno de uma discussão teórica, que no caso escolhido foi a técnica da aula expositiva-dialogada, mostrando que a partir de uma técnica tradicional, podemos transformá-la em uma técnica dinâmica, participativa e que desperte no aluno a curiosidade e interesse em sala de aula.

III CAPÍTULO

A AULA EXPOSITIVA: ESTRATÉGIAS DO DISCURSO EM SALA DE AULA

O objetivo desse capítulo é apresentarmos a técnica da aula expositivo-dialogada, como um recurso dinamizador em sala de aula, o qual possibilita o despertar do aluno a um conhecimento crítico da realidade que o rodeia. E não mais aquela aula expositiva tradicional em que o papel do professor é apenas transmitir o conteúdo, enquanto o aluno é mero receptor, contribuindo para a sua passividade diante do conhecimento produzido.

Para que possamos tratar sobre a aula expositivo-dialogada, propriamente dita, apresentamos a conceituação da aula expositiva tradicional, algumas de suas principais características e quais os momentos em que a aula expositiva pode ser utilizada em sala de aula pelos professores de 1º e 2º graus.

Segundo Lopes (1991)¹

"... a literatura didática conceitua aula expositiva como uma comunicação verbal estruturada, utilizada pelos professores com o objetivo de transmitir determinados conteúdos aos alunos..."

A partir desse enunciado acima, podemos ver que a aula expositiva tradicional tem como elemento principal a atividade exclusiva do professor em sala de aula, em decorrência da passividade do aluno, contribuindo para a não participação do mesmo em sala de aula. Até mais ou menos pela década de 30 predominava em sala a concepção pedagógica tradicional, onde o professor deveria concentrar em si e

¹ - Cf. LOPES. Antônia Osima. *Aula expositiva: superando o tradicional*. In: Veiga. I. P. A (org.) Técnicas de Ensino: por que não? Campinas: Papirus. 1991. p. 38

dominar perfeitamente todos os conteúdos principais a serem transmitidos aos seus alunos, ou seja, o papel do professor poderia ser comparado como um depositário de conhecimento, ele se apresenta como centro do conhecimento e que deve ser transmitido aos alunos, sem que haja qualquer tipo de questionamento ou reflexão.

O que vemos não só na década de 30, mas também atualmente é que a aula expositiva é uma atividade eminentemente empregada pelos professores e muito apreciada pelos estudantes, não importa o nível: 1º grau, 2º grau ou nível superior. O que muitos professores de 1º e 2º graus tem alegado é a infra-estrutura da escola que não oferece possibilidades para que possam inovar em suas salas de aula.

Ainda a mesma autora (1991)²

"... o professor criativo, de espírito transformador, está sempre buscando inovar sua prática e um dos caminhos para tal fim seria dinamizar as atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma alternativa para a dinamização seria a variação das técnicas de ensino utilizadas; outra seria a introdução de inovações nas técnicas já amplamente conhecidas e empregadas..."

Como vemos depende do professor inovar a sua aula, para que ela não se torne uma atividade "cansativa" para os alunos, mas sim um prazer a cada dia. Para isso as variações e inovações das técnicas são fundamentais para uma aula dinâmica.

Segundo Libâneo (1994)³

² Cf. LOPES, Antônio Osima. *Aula expositiva: superando o tradicional*. In: Veiga, I. P. A (org.) Técnicas de Ensino: por que não? Campinas: Papyrus. 1991. p.35

³ Cf. LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez. 1994. p. 162

"... a aula expositiva é um procedimento didático valioso para a assimilação significativa para canalizar o interesse das crianças, vincula-se com conhecimento e experiências que os alunos trazem, se os alunos assumem uma atitude receptivo-ativa, a exposição verbal deixa-se ser simplesmente um repasse de informações".

No entanto, o professor que ainda utiliza a aula expositiva como fio condutor de todas as suas aulas, deve ter em mente que é necessário que o mesmo tenha domínio de todo o conteúdo e que este, esteja dividido em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão. Nessa técnica que o professor utiliza não existe uma relação entre o professor e aluno, pois o papel do professor é do único detentor do saber, ao passo que os alunos são sujeitos a quem a aula é dirigida. Portanto, se a participação do aluno é impedida, a sua capacidade crítica não tem chance de ser estimulada. Contudo, o professor que restringe a participação dos alunos, estes tendem a absorver tudo que o professor fala em sala de aula, afastando-o de uma abordagem crítica do conhecimento produzido.

Nesse sentido, o professor deve saber o momento adequado para se usar a aula expositiva, como por exemplo: a introdução de um novo assunto do programa, concluir conteúdo, fazer com que o aluno tenha uma visão global de um determinado assunto.

Segundo Matos (1976)⁴

"... o objetivo da aula expositiva é somente conseguir que os alunos adquiram uma compreensão inicial, indispensável para a aprendizagem de um novo assunto. Isso significa que uma aprendizagem total não pode ser

⁴ - Cf. LOPES. Antônia Osima. *Aula expositiva: superando o tradicional*. In: Veiga. I. P. A (org.) *Técnicas de Ensino: por que não?* Campinas: Papirus. 1991. p.39

alcançada numa aula expositiva, mas apenas uma primeira compreensão de informações essenciais..."

No entanto, com o surgimento de novas tendências pedagógicas, que passaram a ir de encontro com a aula expositiva, como já foi dito no decorrer do texto, é um ensino verbalista, centrado no professor, perguntas passaram a ser feitas: será que a aula expositiva ainda é capaz de produzir um conhecimento duradouro nos alunos de 1º e 2º graus?

Analisando o enunciado acima é importante que o professor saiba trabalhar com a aula expositiva, procurando dá a esta uma "roupagem nova", para que a mesma seja uma técnica que desperte no aluno todo um saber reflexivo, descobrindo-se como sujeito do conhecimento.

Percebe-se que esse processo não ocorre aleatoriamente nos meios escolares, mas a partir do momento que o professor leva para sala de aula uma concepção crítica do saber, fazendo relação entre a educação e a prática social, vai abrir caminhos para a reelaboração do saber e conseqüentemente a produção de novos conhecimentos. "A aula expositiva pode perfeitamente assumir um caráter transformador por intermédio da troca de experiência entre professores e alunos, numa relação dialógica..."⁵

No entanto, com essa perspectiva, o professor de 1º e 2º graus não deve deixar de lado a aula expositiva como técnicas de ensino, ao contrário, é possível transformá-la em um recurso dinâmico, que possa desenvolver o pensamento crítico do aluno, dando-lhe oportunidade para o desenvolvimento da criatividade e da curiosidade, elementos

⁵ Cf. LOPES. Antônia Osima. *Aula expositiva: superando o tradicional*. In: Veiga. I. P. A (org.) Técnicas de Ensino: por que não? Campinas: Papirus. 1991. p.41

essenciais numa educação transformadora. *"A aula expositiva dialogada utiliza o diálogo entre professor e alunos para estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiências. O diálogo, deve ser considerado não apenas como uma conversação, mas sim como uma busca recíproca do saber..."*⁶

A aula expositiva - dialogada dá oportunidade ao aluno expor as suas próprias experiências, dando embasamento ao mesmo para a crítica e a redescoberta a partir do confronto entre ambos os conhecimentos. O professor ao utilizar esse recurso deve dá oportunidade para que o aluno problematize, questione, faça perguntas e critique o conhecimento que está sendo produzido, pois é através dessa relação professor-aluno em sala de aula, que leva a reelaboração do conhecimento produzido.

É essencial que o professor conduza o aluno a ter uma percepção crítica da realidade, e para isso a aula expositivo-dialógica elimina a passividade por parte dos alunos, e que o professor se torne o centro de todo o conhecimento, presente na aula expositiva tradicional. Mesmo que o professor na aula expositivo-dialógica permaneça como sujeito, ele socializa o conhecimento, pois ao apresentar o saber, este é compartilhado entre professor e alunos.

Segundo Lopes (1991)⁷

"... A questão não está em se rotular uma técnica como tradicional e rejeitá-la como meio de ensino. Ocorre que professores com atitudes tradicionais tornarão uma aula autoritária, monótona e desinteressante, seja ela expositiva ou não,

⁶ Cf. LOPES. Antônia Osima. *Aula expositiva: superando o tradicional*. In: Veiga. I. P. A (org.) Técnicas de Ensino: por que não? Campinas: Papirus. 1991. p. 42

⁷ Cf. LOPES. Antônia Osima. *Aula expositiva: superando o tradicional*. In: Veiga. I. P. A (org.) Técnicas de Ensino: por que não? Campinas: Papirus. 1991. p. 46

enquanto que professores com atitude crítica mostram-se capazes de levar seus alunos a reelaborar ou produzir conhecimentos por meio de aulas expositivas..."

Portanto, depende do professor dinamizar a sua aula, se ele utiliza aula expositiva e não procura estimular a participação do aluno, a sua aula se tornará chata, cansativa, se ao contrário procura estimular a participação do aluno, enriquecendo a aula com cartazes, mapas e debates, aí sim está contribuindo para o crescimento crítico e questionador dos alunos.

Diante do que foi trabalhado no decorrer do texto, consideramos essa primeira parte do trabalho sobre a aula expositiva, como fundamentalmente teórica. Em decorrência disso analisaremos a nossa experiência na escola de 1º e 2º graus, utilizando-se da aula expositivo-dialogada como uma técnica de ensino, ou seja, como trabalhamos as aulas com a experiência da aula expositiva.

A nossa preocupação ao escolhermos a aula expositiva, era descobrir como trabalhar esse recurso, para que a aula não se tornasse "cansativa" para os alunos, evitando assim, a aula expositiva tradicional. Decidimos que lhes daria uma dimensão dialógica, onde o diálogo seria o fio condutor durante toda a aula, mobilizando assim professor e aluno como centro do processo ensino aprendizagem.

Todas as nossas expectativas estavam voltadas aos alunos, não sabíamos como se comportaria diante dessa técnica empregada por nós, pois percebemos que os mesmos estavam acostumados a aula tradicional, submetendo-se a mero receptor do conhecimento. Não era estimulado pelos professores a participarem em sala de aula. Portanto, qual seria a sua reação diante dessa nova proposta? No primeiro momento sentimos uma certa resistência, em alguns casos por timidez, mas em grande parte por falta de estímulo, para participarem em sala

de aula. Na medida que fomos estimulando-os a participarem da aula, a sua resistência ia dando lugar a um aluno participativo, interessado e dinâmico.

Utilizando-se da aula expositivo-dialogada, passaríamos a valorizar a vivência dos alunos, ou seja, estávamos preocupados em relacionar as suas próprias experiências com o conteúdo a ser estudado em sala de aula. Por exemplo "os costumes indígenas" trabalhado por nós nas 5ª séries. Procuramos fazer com que os alunos percebessem, que todos nós temos uma cultura diferente. Os índios possuem a sua cultura (religião, alimentação, etc). Com a chegada dos portugueses a "nova terra", eles estranharão, pois era totalmente diferente da sua cultura. O mesmo acontece, se passássemos para o presente, nós paraibanos temos a nossa cultura (maneira de falar, vestir, andar), se vamos conhecer São Paulo iremos também estranhar, pois eles possuem toda uma maneira particular de viver.

Dessa forma, o que pretendíamos a utilizar a aula expositiva era fazer com que houvesse um intercâmbio de experiências e conhecimentos entre nós e os alunos. Embora permanecêssemos como sujeitos do conhecimento, transferíamos para o conteúdo um caráter democrático.

O objetivo ao escolhermos a aula expositivo-dialogada era transformar a sala de aula num espaço para a reelaboração e produção de conhecimento. A nossa intenção era estimular a participação dos mesmos, seja através: perguntas, questionamentos, críticas, o importante era que os alunos percebessem que a sua participação era essencial para um bom desenrolar do conteúdo.

Dessa forma, procurávamos incentivar em sala de aula, perguntas, mesmo que estas nos parecesse despropositada, mas o nosso

papel era ajudar a refazer a pergunta, para que assim, não os reprimisse, enquanto sujeito do conhecimento.

Para reforçarmos a nossa aula expositivo-dialogada, utilizamos de recursos didáticos, como: gravuras, mapas, cartazes, percebemos assim, que a assimilação do conteúdo ficou mais acessível.

Além desses recursos didáticos é importante que o professor utilize-se de estímulos tais como: o uso da linguagem simples, os gestos, os movimentos, a voz, demonstrar o seu entusiasmo para com os alunos, realizar uma exposição dinâmica para que assim possa haver uma troca de experiência.

A partir da nossa experiência na escola, com a técnica da aula expositiva-dialogada, percebemos que a partir de uma técnica tradicional, podemos transformá-la em uma técnica dinâmica, participativa, que leve o aluno a perceber o ser crítico que existe "dentro" dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento é imprescindível para professores de 1º e 2º graus, pois é a partir dessa atividade que o professor terá subsídios para direcionar o seu trabalho, avaliar o que precisa ser modificado e reelaborado, para que possa dá continuidade as suas aulas da melhor maneira possível, além de que o planejamento irá possibilitar uma relação professor-aluno mais harmoniosa.

É essencial para o planejamento de professores de 1º e 2º graus, que haja uma certa inter-relação com os demais professores que lecionem disciplinas afins, pois em conjunto essa atividade se tornará uma experiência muito rica, onde as dúvidas e acréscimo de ambas serão fundamentais para a conclusão de um planejamento.

Portanto, o que se deve ter em mente ao fazer um planejamento de um ano letivo, é quanto aos elementos que compõem o mesmo: o professor deve definir os objetivos, os conteúdos, a metodologia e as formas de avaliação que devem estar coerentes com a própria disciplina.

Dessa forma, é preciso que o professor perceba que é necessário centrar a aprendizagem na realidade social dos alunos, ou seja, que se leve em consideração o aluno como sujeito transformador do conhecimento a partir de sua própria experiência de vida.

Diante disso, a nossa experiência em sala de aula nos proporcionou observar que se o conteúdo estiver vinculado à realidade dos alunos, permitirá facilmente aos mesmos chegar ao conhecimento mais rápido. Nesse sentido é preciso que o professor dê oportunidade aos alunos de colocar as suas dúvidas, críticas e questionamentos,

incentivando assim, a sua participação em sala de aula, tornando-a criativa e estimuladora do conhecimento.

Para isso, escolhemos a aula expositivo-dialogada com o objetivo de transformar a sala de aula num espaço para a reelaboração e produção de conhecimento. A nossa intenção era estimular a participação dos mesmos, seja através de perguntas, questionamentos ou críticas; o importante era que os alunos percebessem que a sua participação era essencial para um bom desenrolar do conteúdo.

Dessa forma, o que pretendíamos ao utilizar a aula expositiva era fazer com que houvesse um intercâmbio de experiência e conhecimentos entre nós e os alunos. Embora permanecêssemos como sujeitos do conhecimento, transferíamos para o conteúdo um caráter democrático.

Percebemos que a partir de uma técnica tradicional, podemos transformá-la em uma técnica dinâmica, participativa, que desperte no aluno um saber reflexivo, descobrindo-se como sujeito do conhecimento.

Portanto, foi a partir dessa experiência com a prática de ensino que pudemos perceber o "valor" do professor, quais as suas vivências e expectativas de um futuro melhor em sala de aula. Vemos também o quanto somos discriminados; primeiramente por não oferecerem uma infra-estrutura adequada para o professor possa desenvolver um trabalho satisfatório junto aos seus alunos. Em segundo caso, professores desqualificados e sem remuneração satisfatória, obrigando-os a exercerem outras atividades para aumentar a sua renda.

A nossa intenção, apesar das dificuldades, era mostrar que se é possível resgatar um ensino de qualidade, mesmo com pouco recurso, basta um pouco de compromisso com a educação.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, M^a Célia de, MASSETO, Marcos Tarciso. *O Professor Universitário em aula*. 6^a ed., São Paulo: EG Editores Associados, 1987. Cap. II., III e IV

Cadernos de História. Universidade Federal de Uberlândia - Departamento de Ciências Sociais. Laboratório de Ensino e Aprendizagem em História. Vol 1, nº 1. Uberlândia, 1990

FELGUEIRAS, Margarida Louro. *Repensar a História. Repensar o seu Ensino*. Porto: Porto editora, 1994

KENSKI, Vani Moreira. *Repensando a Didática*. 11^a ed., In: Avaliação da Aprendizagem. São Paulo: Papyrus, 1996

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática* (coleção Magistério 2^o grau - série Formação do Professor). São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, Antônia Osima et all. *Repensando a Didática*. São Paulo: Papyrus editora, 1996.

PROENÇA, M. Cândida. *Ensinar / Aprender História - Questões de Didática Aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

SABOR E DISSABORES DO ENSINO DE HISTÓRIA. Vários autores. In: Revista Brasileira de História. v. 9 e 19. São Paulo: 1990

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA/ ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

(UFPB - CAMPUS II.)

SÉRIE: 5º - TURMA: - TURNO:

Plano de Curso

Lígia Maria Pereira da Silva

Campina Grande

1997

PLANO DE CURSO - 5ª SÉRIE

Objetivo Geral

Discutir o processo cultural e as relações de poder a partir das estratégias de disciplinarização que os portugueses impuseram aos nativos no Brasil-colônia até a Independência.

I UNIDADE

• Objetivos Específicos

- Discutir a chegada dos europeus procurando perceber as estratégias de disciplinarização usada por eles no primeiro contato com os nativos;

- Estudar o processo de rompimento cultural através do uso de roupas, de incorporação de uma nova língua, de hábitos alimentares, de uma nova forma de trabalho e novos valores religiosos, implementados pelos portugueses.

CONTEÚDOS

1 - O primeiro contato: choque de cultura

2 - Imposição a comunidade indígena de uma cultura ocidental a partir de uma visão europocêntrica.

II. UNIDADE

Objetivo Específico

- Discutir o modelo implementado pelos portugueses no Brasil - Colônia, a partir das estratégias administrativas, políticas e de trabalho.

Conteúdos

- 1 - Pau-brasil: início da destruição de nossas florestas;
- 2 - Nova fonte de riqueza: a cana-de-açúcar;
- 3 - Incorporação do trabalho escravo;
- 4 - Expansão sertaneja: tentativa de mudança da cultura indígena.

III Unidade

Objetivo Específico:

- Discutir sobre as formas de resistência ocorridas no Brasil - Colônia, refletindo sobre a mudança de mentalidade que influenciou essas lutas.

Conteúdos

- 1 - Movimentos de resistência contra a condição de colônia.
- 2 - As novas idéias de libertação que fez germinar as lutas pela Independência do Brasil.

IV Unidade

Objetivo Específico:

- Discutir o processo de construção da nação brasileira e suas estratégias para sua legitimação.

Conteúdos

- 1 - Identidade nacional: valorização da cultura indígena e sertaneja
- 2 - Construção de símbolos para a consolidação da identidade nacional.

Metodologia

A partir da proposta teórica-metodológica de trabalharmos uma nova visão histórica tendo como eixo uma perspectiva cultural, iremos expor os conteúdos enfatizando os conceitos de disciplinarização e estratégias.

Metodologicamente, pretendemos utilizar mapas, gravuras e textos mimeografados, através de aulas expositivo-dialogadas levando em consideração a realidade dos alunos.

Avaliação

Avaliação contínua, através de exercícios mimeografados, colagens e pinturas.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Maria Pereira da Silva (UFPB - Campus II)

SÉRIE: 5ª

TURMA:

TURNO:

Unidades.....

Número de alunos:

PLANO DE UNIDADE

Objetivo Geral

Discutir o processo cultural e as relações de poder a partir das estratégias de disciplinarização que os portugueses impuseram aos nativos, do Brasil - colônia até a Independência.

I Unidade

Objetivos Específicos:

1 - Analisar a chegada dos europeus, discutindo as especificidades culturais dos portugueses e dos nativos a partir do encontro destas culturas.

2 - Discutir a cultura indígena e suas especificidades : vestuário, alimentação, religião e trabalho.

Conteúdo

- O primeiro contato: choque de cultura

Objetivos Específicos

1 - Estudar as estratégias utilizadas pelos portugueses para impor uma mudança cultural, como por exemplo: imposição de uma nova religião, novo ritmo de trabalho, mudança no vestuário e na alimentação.

2 - Analisar o intercâmbio cultural ocorrido na relação dos europeus com os nativos.

Conteúdo

- Imposição à comunidade indígena de uma cultura ocidental, a partir de uma visão europocêntrica.

Metodologia

Partindo de nossa proposta teórica-metodológica citada no nosso plano de curso, iremos trabalhar os conteúdos da primeira unidade utilizando mapas, gravuras, textos mimeografados e dinâmicas.

Avaliação

Avaliação contínua, através de exercícios mimeografados e pintura.

II. Unidade

Objetivo Específico:

1 - Analisar o processo de destruição das riquezas brasileiras, refletindo sobre as estratégias utilizadas para a retirada do pau-brasil.

Conteúdo

- Pau-brasil: início da destruição de nossas florestas

Objetivo Específico

1 - Analisar a importância da implantação do cultivo da cana-de-açúcar no Brasil-colônia e suas repercussões para a cultura brasileira.

Conteúdo

- Nova fonte de riqueza: a cana-de-açúcar

Objetivo Específico

1 - Discutir a necessidade de novos trabalhadores para o cultivo da cana-de-açúcar e suas influências na cultura brasileira.

Conteúdo

- Incorporação do trabalho escravo

Objetivo Específico

1 - Analisar o processo de expansão sertaneja, discutindo uma nova disciplinarização do trabalho indígena.

Conteúdo

- Expansão sertaneja: tentativa de mudança da cultura indígena.

Metodologia

Partindo de nossa proposta teórica-metodológica citada no nosso plano de curso, iremos trabalhar os conteúdos da segunda unidade utilizando mapas, gravuras e textos mimeografados.

Avaliação

Avaliação contínua, através de exercícios mimeografados e colagem.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA/ ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

(UFPB - CAMPUS II.)

SÉRIE: 1ª - TURMA: A - TURNO: NOITE

Plano de Curso

Lígia Maria Pereira da Silva

Campina Grande

1997

PLANO DE CURSO

- Objetivo Geral

Analisar a história da Paraíba desde os tempos coloniais até os dias atuais, levando em consideração as estratégias utilizadas pelos portugueses para a sua ocupação e para implementação das relações de trabalho, compreendendo o processo de resistência, através dos movimentos sociais, e analisando sua ideologia. Para compreender o processo de modernização da Paraíba a partir deste século, discutiremos as estratégias culturais implementadas pela modernidade através do Estado.

- Objetivos Específicos

- Discutir a situação da Paraíba no período colonial, e as estratégias portuguesas, francesas e holandesas, utilizadas na ocupação e conquista.

- Trabalhar a importância da cultura negra na Paraíba no período colonial, e as estratégias usadas pelos senhores como força de trabalho na economia.

- Identificar os movimentos sociais na Paraíba e sua contribuição cultural, levando em consideração suas ideologias e as relações de poder.

- Compreender o processo de modernidade na Paraíba tendo como referências as experiências da cidade de Campina Grande.

- Conteúdos

Unidade I

- Situação da Paraíba no período colonial e suas contribuições culturais.

-Estratégias utilizadas pelos portugueses para conquistar a Paraíba.

- Os franceses na Paraíba e sua aliança com os nativos, início de nosso desmatamento com finalidade lucrativa.

- Estratégias utilizadas pelos holandeses para ocupação da Paraíba.

- Maurício de Nassau e suas estratégias de tolerância religiosa e política para a consolidação do seu poder.

Unidade II

- A importância da força de trabalho negra e suas contribuições para a cultura.

- Estratégias utilizadas pelos negros como meio de resistência ao trabalho.

- Estratégias e disciplinarização utilizadas pelos senhores de engenho para controlar a mão-de-obra negra.

- Lei Áurea: mudanças ou continuidade.

Unidade III

- Os movimentos sociais e suas contribuições para a cultura paraibana.

- Ronco da Abelha: estratégias usadas pelo povo como meio de resistência as novas estratégias modernizantes do governo.

- Movimento Quebra-quilos e sua resistência ao processo de modernização capitalista.

- O Cangaço: e suas estratégias de resistência, contribuindo para o enriquecimento de nossa cultura.

- Ligas camponesas: movimento camponês na Paraíba e suas contribuições para o movimento dos sem terra.

IV Unidade

- O processo de modernização na Paraíba e sua intervenção na nossa cultura.

- Os tropeiros: veículo de comunicação e suas contribuições no processo cultural.

- Chegada do trem: suas influências na economia de Campina Grande.

- O cinema: influenciando nas mudanças de mentalidade e costumes.

- A feira: o despertar para o processo de higienização da cidade, como estratégias da modernidade.

METODOLOGIA

As aulas ministradas serão expositivas e dialogadas com utilização de mapas, cartazes e textos mimeografados que serão entregues e trabalhados em sala de aulas.

AVALIACÃO

Será contínua, levando em consideração a participação dos alunos, também serão construídos textos a partir de assuntos dados em sala de aula como também de palavras chaves.

BIBLIOGRAFIA

AUED, B. *A Vitória dos Vencidos - Partido Comunista Brasileiro e as Ligas Camponesas, 1955-1964*. Santa Catarina: Ed. UFSC, 1986.

DÓRIA, C. A. *O Cangaço*. 2. ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981

MONTEIRO, H. *O Nordeste Brasileiro entre 1850 e 1889*. In: *Crise Agrária e Luta de Classes*. Brasília: Ed. Horizonte, 1980.

PEREIRA, Auricélia. *O Rei do Cangaço e os Vários Lampiões*, mimeo, 1996

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Maria Pereira da Silva (UFPB - Campus II)

SÉRIE: 1º científico

TURMA: A

TURNO: Noite

CARGA HORÁRIA: 60 horas/aula

PLANO DE UNIDADES: I UNIDADE

TEMA: OS HOLANDESES NA PARAÍBA

TÍTULO: Os holandeses e suas estratégias na ocupação da Paraíba.

Objetivos Específicos:

- Mostrar as estratégias dos europeus (portugueses, franceses e holandeses) para controlar a força de trabalho indígena na retirada do pau-brasil.

- Analisar o papel dos nativos quando da ocupação e conquista do território paraibano e suas estratégias como forma de aliança e resistências com os conquistadores.

- Discutir a participação dos portugueses e nativos quando da incorporação dos valores culturais na Paraíba no período colonial.

Conteúdos

- A ocupação do espaço na Capitania da Paraíba: estratégias dos europeus.

- A estratégia dos nativos: alianças, desconfiança e resistência.

- Europeus e nativos: incorporações recíprocas de valores culturais.

METODOLOGIA

As aulas serão ministradas através de aulas expositivas e dialogadas com utilização de mapas, gravuras e textos mimeografados que serão entregues aos alunos.

AVALIAÇÃO

Avaliação através da participação dos alunos e na elaboração de um texto a partir do assunto exposto.

BIBLIOGRAFIA

MELO, José Octávio de A. e RODRIGUES, Gonzaga. *Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo*. 2. ed., João Pessoa: Edições Grafset, 1993

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. *Pequena História da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: LIGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

SÉRIE: 5ª TURMA: TURNO:

CARGA HORÁRIA: DATA:

Tema:

Os Portugueses no Brasil

Título: A Visão do Outro

1º Plano de Aula

Objetivos Específicos:

Mostrar o conceito de "descobrimento" como uma elaboração do pensamento ocidental, refletindo as influências dessa forma de pensar.

Conteúdo

- Mentalidade dos europeus sobre a "nova terra".
- O discurso ocidental sobre o "descobrimento".
- Habitantes da "nova terra".

Metodologia

Aula expositivo-dialogada, utilizando textos mimeografados, mapas e gravuras.

Avaliação

- Avaliação contínua através de formulação de frases a partir da palavra: descobrimento.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

SÉRIE: 5º

TURMA:

TURNO:

CARGA HORÁRIA: 2 HS/ AULA

DATA:

Tema:

Os Portugueses no Brasil

Título: Contrastes Culturais

2º Plano de Aula

Objetivos Específicos:

Discutir as especificidades culturais dos portugueses e dos índios, refletindo o choque entre elas.

Conteúdo

- A cultura: indígena : singularidade e liberdade.
- A cultura portuguesa: europocêntrica e moralista.
- O encontro das culturas: medo, preconceito e surpresa

Metodologia

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada, utilizando textos mimeografados.

Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela participação em sala de aula e a produção de um pequeno texto sobre as diferenças culturais entre índios e portugueses.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

SÉRIE: 5ª TURMA: TURNO:

CARGA HORÁRIA: 2 hs/ aulas DATA:

Tema:

Os Portugueses no Brasil

Título: Costumes Indígenas

3º Plano de Aula

Objetivos Específicos:

Estudar as formas de estratégias utilizadas pelos portugueses para a mudança do vestuário e alimentação dos indígenas.

Conteúdo

- Incorporação de novos valores aos costumes indígenas : vestuário e alimentação.

Metodologia

A metodologia será de aula expositivo-dialogada com roteiro de aula, textos, figuras, além da utilização de quadro a giz. O método empregado será o retrospectivo.

Avaliação

- Pedir que os alunos escrevam uma ou mais frases estabelecendo as diferenças entre os índios da colônia e os atuais.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

SÉRIE: 5º

TURMA:

TURNO:

CARGA HORÁRIA: 2 hs/aula

DATA:

Tema:

A Chegada dos Portugueses

Título: A Influência dos Jesuítas na Educação Colonial

4º Plano de Aula

Objetivos Específicos:

Perceber as estratégias utilizadas pelos jesuítas no processo de disciplinarização através das práticas religiosas.

Conteúdo

- A religião como a filosofia da verdade da salvação: destruição das crenças e costumes.
- O papel dos jesuítas em catequizar e assegurar o poder português na colônia.

Metodologia

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada, utilizando gravuras, textos mimeografados, quadro para giz e

estrofes de texto para haver uma discussão sobre a destruição das crenças e costumes e o papel dos jesuítas na colônia.

Avaliação

- Avaliação contínua, pedindo aos alunos para desempenharem ou escreverem o que entenderam sobre a aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

SÉRIE: 5º

TURMA:

TURNO:

CARGA HORÁRIA: 2 hs/ aulas

DATA:

Tema:

A Chegada dos Portugueses

Título: Introdução da Cultura Européia na Colônia

5º Plano de Aula

Objetivos Específicos:

Discutir a imposição cultural dos portugueses para com os nativos, quanto ao vestuário, alimentação e uma concepção de trabalho singular.

Conteúdo

- Visão europocêntrica: "Sem lei, sem fé e sem rei" - índio visto como preguiçoso e sem pudor.

- Troca de experiência cultural.

Metodologia

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada, e utilização de textos mimeografados.

Avaliação

- A Avaliação será contínua através de palavras geradoras, pedindo aos alunos para fazerem uma frase ou pequeno texto.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

SÉRIE: 5ª

TURMA:

TURNO:

CARGA HORÁRIA: 2 hs/ aula

DATA:

Tema:

A Busca dos Portugueses por mais Riquezas

Título: Retirada do Pau-brasil

6º Plano de Aula

Objetivos Específicos:

Mostrar como a exploração do pau-brasil foi o início da destruição de nossas matas e, quais as estratégias usadas pelos portugueses para introduzir o índio no trabalho.

Conteúdo

- Início da devastação da mata brasileira.
- A mudança de trabalho para o modo disciplinar.

Metodologia

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada, utilizando textos mimeografados, quadro para giz, giz. Através de um método retrospectivo.

Avaliação

- Os alunos serão avaliados pela participação em sala e, através de produção de frases sobre o assunto da aula.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: LÍGIA MARIA PEREIRA DA SILVA

SÉRIE: 5ª

TURMA:

TURNO:

CARGA HORÁRIA: 2 hs/ aula

DATA:

Tema:

A Busca dos Portugueses por mais Riquezas

Título: A Cana-de-açúcar e a Escravidão negra

7º Plano de Aula

Objetivos Específicos:

Perceber as necessidades políticas, econômicas e culturais que levaram os portugueses a cultivar a cana-de-açúcar, analisando-as a partir dos conceitos de tática e estratégias.

Conteúdos

- O declínio do pau-brasil: a introdução do cultivo da cana-de-açúcar como uma estratégia para o desenvolvimento da colonização.

- A utilização do trabalho compulsório como resultado de uma mentalidade retrógrada. E pontuar as manifestações culturais dos escravos que foram incorporados pela sociedade brasileira.

Metodologia

A metodologia empregada será de aula expositivo-dialogada, utilizando textos mimeografados, quadro para giz e giz. Utilização de uma citação para analisar e discutir em sala de aula.

Avaliação

- Exercício escrito e oral.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, José Jobson de. *História Integrada (Da Idade Média ao Nascimento do Mundo Moderno)*. vol. II., São Paulo: Ática, 1996

CÁCERES, Florival. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1994

GOMES, M. Pereira. *Os Índios e o Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Vozes, 1991

HERMIDA, Borges. *História do Brasil - colônia*. São Paulo: FTD - SA

HOLANDA, S. Buarque. *Experiência e Fantasia*. 5ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1992

MOTA, C. Guilherme, LOPES, Adriana. *História e Civilização. O Brasil Colonial*. 5ª ed., São Paulo: Ática, 1995

PILETTI, Nelson e Claudino. *História e Vida*. vol. 1. São Paulo: Ática, 1996

SILVA, F. de Assis. *História Geral - Moderna e Contemporânea*. 3ª edição revisada e atualizada. São Paulo: Moderna, 1994

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Maria Pereira da Silva (UFPB - Campus II)

SÉRIE: 1º científico

TURMA: A

TURNO: Noite

CARGA HORÁRIA:

DATA: 09-05-97

TEMA: Ocupação e Conquista do Território Paraibano

Título: Estratégias e Alianças Holandesas para Conquistar a Paraíba

PLANO DE AULA

- OBJETIVO ESPECÍFICO

- Identificar o processo de ocupação da capitania da Paraíba e as estratégias usadas pelos europeus.

- Pontuar as estratégias e alianças dos holandeses, dos portugueses e dos nativos na busca de estabilidade social.

- Conteúdos

- Processo de ocupação: estratégias utilizadas pelos europeus.

- Alianças

- Entre holandeses, portugueses e nativos, e a imposição dos seus valores culturais.

- Metodologia

- A metodologia empregada será expositiva - dialogada com a utilização de cartazes e textos mimeografados.

- Avaliação

Pela participação e interesse dos alunos em sala de aula e através de palavras chaves fazer uma retrospectiva da aula dada

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Horácio. *História da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978, vol. I

GOMES, Márcio Pereira. *Os Índios e o Brasil*. 2. ed., Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1991

MELO, José Octávio de A. e RODRIGUES, Gonzaga. *Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo*. 2. ed., João Pessoa: Edições Grafset, 1993

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. *Pequena História da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Maria Pereira da Silva (UFPB - Campus II)

SÉRIE: 1º científico

TURMA: C e A

TURNO: Noite

CARGA HORÁRIA: 50 min. (2 aulas) - Data: 26-05-97

TEMA: Consolidação da Conquista da Paraíba pelos Holandeses

TÍTULO: Estratégias utilizadas para consolidar a conquista holandesa.

PLANO DE AULA

- Objetivos Específico

- Compreender as estratégias de alianças, desconfianças e resistência dos nativos no período da dominação holandesa.

- Conteúdos

- Alianças políticas, econômicas e culturais usadas como estratégias:

- Holandeses e calabar.

- Holandeses e índios potiguaras

- Holandeses e judeus.

- Desconfianças e Medo:

- Medo de perder suas terras

- De serem escravizados.

- De serem destribalizados.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Maria Pereira da Silva (UFPB - Campus II)

SÉRIE: 1º científico

TURMA: A e C

TURNO: Noite

CARGA HORÁRIA: 50 min (3 aulas)

Data: 26-05-97

TEMA: A Chegada dos Holandeses na Paraíba

TÍTULO: Incorporação e Troca de Valores Culturais na Colonização da Paraíba

PLANO DE AULA

- OBJETIVO ESPECÍFICO

- Identificar as principais contribuições deixadas pelos holandeses para o enriquecimento de nossa cultura.

- Conteúdo

- O conhecimento da terra:

- Delimitação de área para a agricultura e criação.

- A liberdade religiosa: Estratégias dos holandeses.

- A participação política:

- com a representação dos proprietários na câmara municipal.

- O trabalho escravo:

- Medo de perder sua identidade.

- Estratégias de resistência dos nativos:

- As fugas.

- Os saques.

- O uso do fogo.

- A submissão: aliados ou escravos.

- A preservação da autonomia tribal: meios violentos.

- Metodologia

Metodologicamente, pretendemos utilizar mapas, textos mimeografados, através de aula expositiva - dialogada com o uso do quadro para giz e giz.

- Avaliação

Pela participação, interesse e esforço dos alunos demonstrados na sala de aula, e através da construção de um pequeno texto, a partir da palavra estratégia de resistência.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Horácio. *História da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978, vol. I

GOMES, Márcio Pereira. *Os Índios e o Brasil*. 2. ed., Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1991

MELO, José Octávio de A. e RODRIGUES, Gonzaga. *Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo*. 2. ed., João Pessoa: Edições Grafset, 1993

MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso. *Pequena História da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980

introdução do "dia do descanso" para os escravos, como estratégia de manutenção do trabalho compulsório.

- Metodologia

A metodologia empregada será aula expositiva dialogada com o uso de texto, do quadro para giz, giz.

Avaliação

Os alunos serão avaliados através da construção de um pequeno texto, onde deve aparecer as principais contribuições culturais deixadas pelos holandeses.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Horácio. *História da Paraíba*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978, vol. I

GOMES, Márcio Pereira. *Os Índios e o Brasil*. 2. ed., Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1991

MELO, José Octávio de A. e RODRIGUES, Gonzaga. *Paraíba, Conquista, Patrimônio e Povo*. 2. ed., João Pessoa: Edições Grafset, 1993

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Maria P. da Silva

SÉRIE: 5º

TURMA: E

TURNO: tarde

DATA:

A VISÃO DO OUTRO

No final do século XV e, início do século XVI, o mundo passava por várias transformações culturais, econômicas, políticas e religiosas, ou seja, diferentemente do período medieval em que todas as explicações era através da ação do "divino" (Deus), o mundo moderno se guiava pela razão, isto é, o homem era o centro do mundo.

A partir desse contexto, a ciência estava começando a se desenvolver e, com isso sentiram a necessidade da utilização da bússola¹, astrolábio² e o aperfeiçoamento das grandes caravelas. Muitas fantasias que os europeus tinham sobre o mundo foram sendo modificadas através dessas transformações ocorridas neste século, ou seja, houve uma mudança de mentalidade à medida que os valores foram sendo questionados.

Para alguns historiadores, a chegada dos europeus à América foi um "descobrimento", para outros, um "encontro". Essa discussão é levantada uma vez que, quanto os europeus aqui chegaram já haviam

¹ BÚSSOLA - instrumento que serve para orientação. pois possui uma agulha imantada que aponta sempre para o norte.

² ASTROLÁBIO - instrumento que mede a altura dos astros. possibilitando calcular a latitude ou a posição do navio em meio ao oceano.

comunidades com culturas própria (costumes, valores, religião, alimentação e vestuário).

Os europeus aqui chegando, queriam comparar a "nova" terra como um paraíso terrestre, isso porque eles ainda estavam presos às explicações divinas, caracterizando assim um período de transformações. Com isso, os habitantes encontrados nessa terra foram comparados com Adão e Eva e, a própria natureza, ou seja, a fauna e a flora, deram a imaginação de estarem num paraíso.

Esse primeiro contato, levou a construção dos europeus à imagem do outro, como povos não "civilizados" e imorais. Isso porque, aqui chegando eles encontraram comunidades que viviam diferentemente deles com seu modo de vestir, com sua religião, seu hábito de alimentar e o seu modo de trabalho.

BIBLIOGRAFIA

HOLANDA, S. Buarque de. *Experiência e Fantasia*. 5ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1992, p. 1/ 14

MOTA, Carlos Guilherme. *História e Civilização - O Brasil Colônia*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1995

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Maria P. da Silva

SÉRIE: TURMA: TURNO:

DATA:

CONTRASTES CULTURAIS

Aqui chegando, os europeus encontraram habitantes que possuíam um modo de vida particular, ou seja, uma característica própria de si organizarem em comunidades, com modos de trabalhos, hábitos alimentares, religião e vestuário.

Os nativos que aqui viviam levavam uma vida nômade, ou seja, moravam em determinadas áreas e trabalhavam a terra até esgotar o solo, quando esta ficava fraca, eles mudavam para outra região, onde encontrassem água e um solo melhor, isso acontecia porque eles viviam da caça, pesca e agricultura.

Eles viviam em aldeias, formadas por ocas e, organizadas de maneira que deixassem um espaço central para seus rituais religiosos e festivos. Nessas ocas eles viviam em completa liberdade em contato direto com a natureza, não existindo maldade no seu modo de viver, o nu não passava de um hábito de vida, sendo uma coisa normal; quem via como uma coisa feia e maliciosa era o branco cheio de preconceitos.

Diferentemente dos índios os europeus acreditavam que eram povos civilizados capazes de levar o progresso para todos os povos. Achavam que eram os donos da verdade, acreditando que o

cristianismo era capaz de livrar os povos das trevas, impondo assim essa religião, seus costumes e valores a todos os nativos.

No encontro dessas culturas houve surpresas, tanto dos europeus como dos nativos. Para os europeus aquele modo de viver dos nativos, deixava muito a desejar, consideravam-nos pessoas "bárbaras", "inferiores" e, sem cultura, eram povos "exóticos".

Já para os nativos não foi diferente, aquelas pessoas vestidas invadindo suas terras, despertavam o medo e curiosidade dos objetos e das pessoas até então desconhecidas.

BIBLIOGRAFIA

GOMES, M. Pereira. *Os Índios e o Brasil*. 2ª ed., São Paulo: Vozes, 1991

MOTA, C. Guilherme. *História e Civilização - o Brasil Colônia*. 2ª ed., São Paulo: Ática, 1995

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ORIENTADORA: ERONIDES CÂMARA DONATO

COORDENADORA DA PRÁTICA DE ENSINO: ERONIDES C. DONATO

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Mª P. da Silva

SÉRIE: TURMA: TURNO:

DATA:

COSTUMES INDÍGENAS

Quando os portugueses aqui chegaram, o Brasil era habitado por centenas de povos indígenas, organizados em comunidades e em equilíbrio com a natureza.

Esses povos possuíam uma cultura singular, ou seja, entre os índios não havia nem ricos e pobres, a terra pertencia a todos e a natureza fornecia-lhes o sustento: caça, pesca e frutos silvestres (jabuticaba, maracujá e caju), plantavam batata doce, mandioca para fazer farinha e milho, que comiam assado ou cozido. Na aldeia o homem e a mulher tinham funções definidas, o homem preparava a terra para o plantio, derrubando e queimando a mata, construía as choupanas, caçava, pescava, guerreava e ainda ensinava ao seu filho a manejar o arco. A mulher cuidava das crianças menores, fazia o plantio e a colheita, fabricava os objetos de cerâmicas e preparava os alimentos e a bebida fermentava, feita de mandioca, milho ou caju.

Em relação à guerra, os grupos indígenas lutavam para defender suas terras. Como a terra era fonte de todos os recursos indispensáveis a sobrevivência dos índios, ela constituía seu bem supremo.

No entanto, a partir de 1530 aproximadamente os índios começaram a lutar pela defesa desse patrimônio contra o inimigo que

tinha a vantagem sobre eles de conhecer e dominar as armas de fogo: os portugueses.

Nesse período, não só a arma de fogo foi fatal para os índios, no contato com o branco muitos foram vitimados por doenças que até então desconheciam como a varíola, tuberculose, malária e como também, introduziram hábitos nocivos como o consumo de bebidas alcoólicas.

Diante dessa maneira tão diferente de viver, os portugueses começaram a utilizar estratégias para tentar mudar esses costumes, ou seja, através de um discurso religioso foi passado para o índio a idéia que o nu era pecado e o certo seria cobrir seu corpo.

Como também, foram utilizadas como estratégias, a troca de objetos, que induziam os índios à mudança de seus hábitos, por exemplo, utilização de espelhos, pentes, contas para fazer colares, panelas de aço, sapatos, roupas e chapéus.

Diante dessas estratégias, os índios foram mudando sua forma de alimentar, ou seja, antes eles viviam comendo raízes, frutas, peixe e caça, em contato com o branco apreenderam a cultivar a cana-de-açúcar, arroz e, também uma mudança no hábito de trabalho e na religião.

Portanto, diante do que vimos no texto, percebe-se que houve uma tentativa de mudança pelos portugueses em relação aos costumes indígenas, mas apesar de toda essa imposição houve resistência do índio em preservar sua cultura.

BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, José Jobson. *História Integrada (Da Idade Média ao Nascimento do Mundo Moderno)*. vol II. São Paulo: Ática, 1996

HERMIDA, Borges. *História do Brasil - Colônia*. São Paulo: Ed. FTD S.A

PILETTI, Nelson e Claudino. *História e Vida*. 1ª ed., vol. I. São Paulo: Ática, 1996

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Mª Pereira da Silva

ORIENTADORA: Eronides C. Donato

ALUNO (A)

SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: Noite DATA:

UNIDADE I CARGA HORÁRIA:

I TEXTO - TEMA: Ocupação da Paraíba pelos Holandeses

Título: Estratégias e Alianças Holandesas para Conquistar a Paraíba

Com a morte de D. Sebastião, rei de Portugal, subiu ao poder o cardeal D. Henrique, que faleceu sem deixar herdeiro, subindo ao poder Felipe II., monarca espanhol (1580).

Portugal e Holanda nesse período mantinham relações comerciais. A Espanha dispendo da soberania portuguesa, pois fim a essas relações comerciais impondo restrições à Holanda.

Em contrapartida, a aristocracia holandesa funda nas Américas a Companhia das Índias Ocidentais, exemplo do que já existia no Oriente e desse modo resolve invadir a Colônia (Brasil), o seu alvo era o "Nordeste". Por ser uma região própria para o plantio da cana-de-açúcar, cujo produto tinha comércio certo na Europa e proporcionava lucros altos.

Em princípio ocuparam a Bahia, sede do governo, mas seus moradores sob a liderança do bispo Dom Marcos Teixeira usaram de estratégias para expulsar os holandeses através de alianças entre: Igreja, senhores de engenhos, índios aculturados, brancos pobres e escravos, juntando essas forças em luta pelo "inimigo comum". Conhecendo bem a região, os luso-brasileiros isolaram os holandeses em Salvador, chegando a expulsá-los.

A Paraíba sustentou a defesa contra os holandeses, através do esforço e coragem de sua gente, durante mais de oito anos (1625 a 1634), sendo dominada somente depois de Pernambuco e do Rio Grande do Norte.

Depois de dominar os dois Estados vizinhos, Pernambuco e Rio Grande do Norte, ficou mais fácil para os holandeses dominarem também a Paraíba, cercado por terra e por mar.

Outra estratégia utilizada pelos holandeses foram alianças que fizeram com os índios Potiguar e desse modo conseguiram informações detalhadas dos moradores daquela capitania. Ainda como estratégia, os holandeses, motivados pelo auxílio prestado por parte dos índios Potiguares residentes na Baía da Traição, enviaram índios para visitar a Holanda, como foi o caso de Pedro Poti.

Nesse período, os holandeses estavam recebendo reforços da Holanda e uma grande ajudar de Calabar, com isso foi possível conquistar a Paraíba.

Com a notícia da chegada dos holandeses à cidade de Felipéia, os povos que aqui viviam usaram estratégias de resistência, ou seja, Antônio de Albuquerque Maranhão usou a guerrilha, como também fez alianças com os índios, os moradores saquearam armazéns, colocaram fogo nas lavouras e finalmente fugiram para o interior levando ou destruindo tudo que podiam, como forma de resistência a invasão holandesa, em outras palavras, uma estratégia para não deixar nenhum resultado do trabalho do que aqui viviam.

Quanto os holandeses, deixaram experiências positivas em nossa terra que veio enriquecer a nossa cultura. Eles foram responsáveis por mudanças nos costumes dos nativos como por exemplo: a introdução da carne de gado nos nossos hábitos alimentares, incentivo ao plantio de subsistência, além disso foram responsáveis pelo estudo sobre a nossa região e introduziram a agricultura e a pecuária em solos mais adequados.

BIBLIOGRAFIA:

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. 2ª ed., João Pessoa: UFPB/Universitária, 1978

ALENCAR, Francisco, CARPI Lúcia, RIBEIRO, Marcos Venício. In: *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1994

OCTÁVIO, José. *História da Paraíba*. 2ª ed., João Pessoa: Ed. Universitária, 1995

MONTEIRO, Vilma dos Santos C. *Pequena História da Paraíba*. João Pessoa: UFPB / Universitária, 1980

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Mª Pereira da Silva

ORIENTADORA: Eronides C. Donato

ALUNO (A)

SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: Noite DATA:

UNIDADE I - TEXTO III

CONTRIBUIÇÕES DOS HOLANDESES PARA A CULTURA PARAIBANA

Apesar da grande destruição que aconteceu no momento em que os holandeses ocuparam a Paraíba, eles deixaram importantes contribuições. Estas deveu-se principalmente aos relatórios que falavam com entusiasmo da fertilidade da terra, de suas enormes árvores e dos saborosos frutos que aqui foram encontrados. Tais relatórios ainda são usados até hoje como documento de época.

Várias foram as suas contribuições, como por exemplo, o estudo do solo adequado para a agricultura. Nesse momento foi introduzido novas plantações em grande escala com a finalidade de exportação, como por exemplo: o fumo e o algodão, antes cultivados só para o consumo local. Também foi introduzido ao lado dessas culturas o plantio de agricultura de subsistência.

Foi incentivada a criação de gado para o consumo da carne, criando assim novos hábitos alimentares, como também a carne de cabra e de carneiro. Antes usada a caça e a pesca como alimentos.

Os holandeses usaram como estratégia de dominação a liberdade de culto, pois antes só era tida como oficial a religião católica, pois os índios eram considerados pelos europeus como pessoas que não tinham religião. Ao negro também era proibido cultuar seus deuses e fazer os seus cultos. Com a chegada dos

holandeses também era introduzido na colônia outros valores religiosos: o calvinismo.

Houve tolerância política na administração facilitando a participação de proprietários e até índios nas câmaras dos municípios, deixando como herança para nós um exemplo de uma política participativa.

Mesmo incentivando o tráfico da mão-de-obra africana para o cultivo de cana-de-açúcar, os holandeses introduziram o dia "de descanso" para os escravos, com essa atitude eles mostravam um pouco de "respeito" aos escravos, antes vistos pelos europeus como uma máquina que não precisava de descanso, também eram vistos como mercadoria que seria comprada nas feiras livres pelos senhores.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. 2ª ed., João Pessoa: UFPB/Universitária, 1978

OCTÁVIO, José. *História da Paraíba*. 2ª ed., João Pessoa: Ed. Universitária, 1995

MONTEIRO, Vilma dos Santos C. *Pequena História da Paraíba*. João Pessoa: UFPB / Universitária, 1980

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR VELOSO DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DA PARAÍBA
PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Lígia Mª Pereira da Silva
ORIENTADORA: Eronides C. Donato
ALUNO (A)
SÉRIE: 1º TURMA: A TURNO: Noite DATA:
UNIDADE I - CARGA HORÁRIA:

II. TEXTO - TEMA: CONSOLIDAÇÃO DA CONQUISTA DA PARAÍBA PELOS HOLANDESES

Título: Estratégias utilizadas para consolidar a Conquista Holandesa

Como foi mostrada na aula anterior, várias tentativas de ocupação dos holandeses foram realizadas na Paraíba, porém grande era a resistência dos espanhóis, negros, portugueses e de algumas tribos indígenas.

Para conseguir o seu objetivo, ou seja, a consolidação da Paraíba, os holandeses tiveram que utilizar de várias estratégias, uma delas foi a aliança com os índios Potiguares e também com negros fugitivos. Nesse momento, grande foi a ajuda de Calabar, mudando os rumos das lutas, ampliando a penetração holandesa e recuando a resistência brasileira. Ele era militar português e chegou a ser major do exército holandês, sendo considerado pelos espanhóis como traidor. Hoje alguns historiadores levantam dúvidas sobre o comportamento de Calabar. Será que Calabar não podia fazer oposição e escolher seus dirigentes?

Com essas alianças, os holandeses tinham do seu lado pessoas que conheciam bem a região e os costumes dos seus povos. Com essa aliança com os índios, o índio Pedro Poti foi levado para a Holanda, para estudar e aqui voltando foi de grande utilidade para os holandeses.

Em troca dessa aliança, os holandeses estabeleceram relacionamento com os índios, que permitiram sua liberdade através da liberdade de culto, da liberdade de expressar politicamente, mas ao modo holandês, chegando até mesmo alguns índios a assumir alguns cargos na administração holandesa.

Muitas vezes os índios também faziam aliança com holandeses em defesa de algumas tribos inimigas.

Também foram feitas alianças com os judeus, onde os holandeses procuravam apoiar e incentivar a sua imigração.

Os flamengos procuraram estratégias e formas de alianças como garantia para aqueles que lhes apoiassem. Aos senhores de engenho concediam empréstimos a preços baixos, para reerguer os seus engenhos que foram danificados nas "guerrilhas", estratégia para garantir o mercado comercial de seus produtos. Ainda davam incentivos e ajudavam a importação de escravos, pois o número de cativos estava muito reduzido devido as epidemias que haviam acontecido. Para evitar as revoltas ao trabalho compulsório, os holandeses concedeu aos escravos o "dia de descanso".

Já para os nativos haviam uma grande desconfiança: eles temiam em perder as suas terras, tinham medo de serem escravizadas, não queriam perder a sua identidade, ou seja, os seus valores, seus costumes, sua cultura, mesmo assim percebiam que novos valores culturais estavam sendo incorporados.

Era grande o desejo de resistência dos nativos, para isso utilizaram as estratégias para isolar o inimigo através da danificação dos engenhos pelos proprietários, da queima de canaviais, das interferências na safra açucareira e também de guerrilha como fator de resistência.

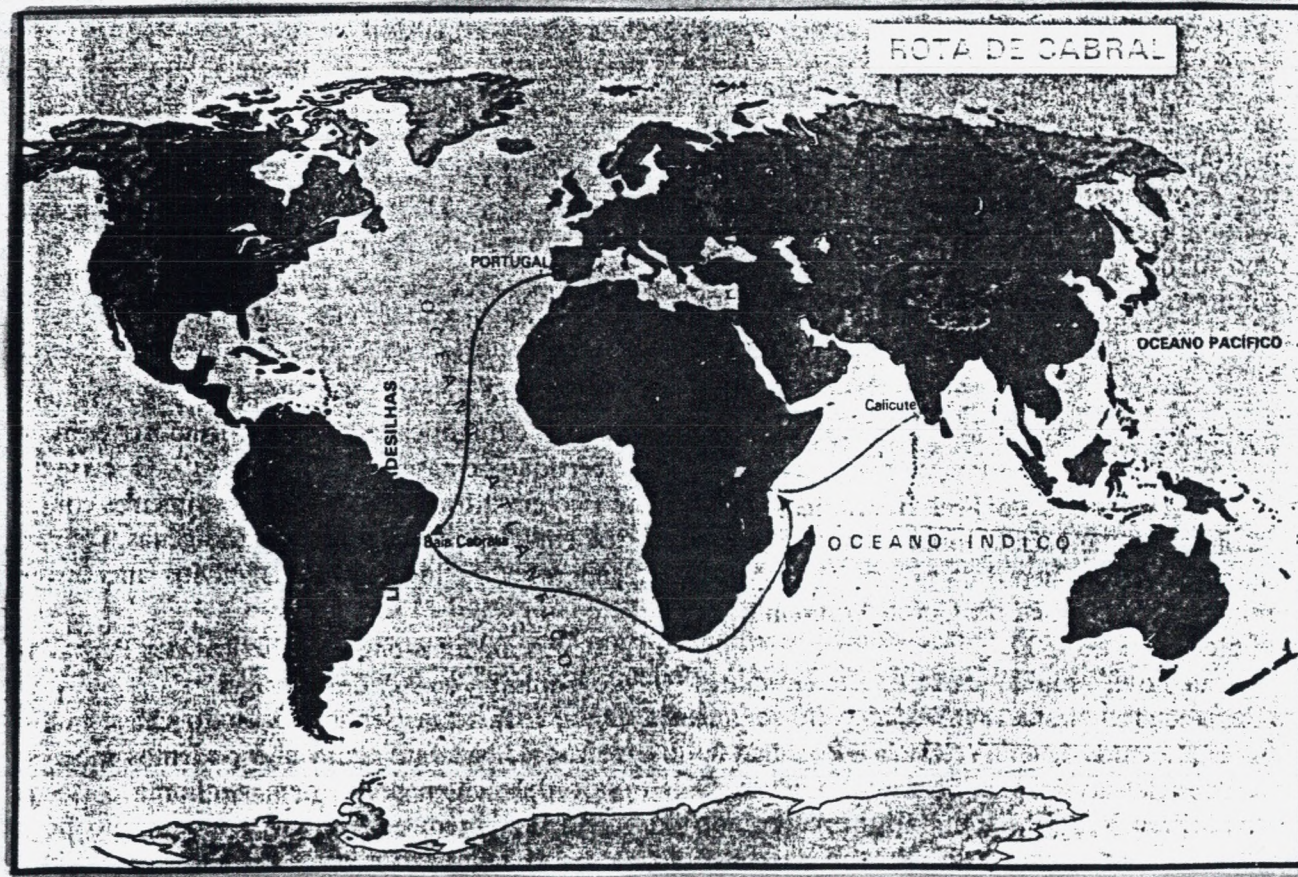
BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Horácio de. *História da Paraíba*. 2ª ed., João Pessoa: UFPB/Universitária, 1978

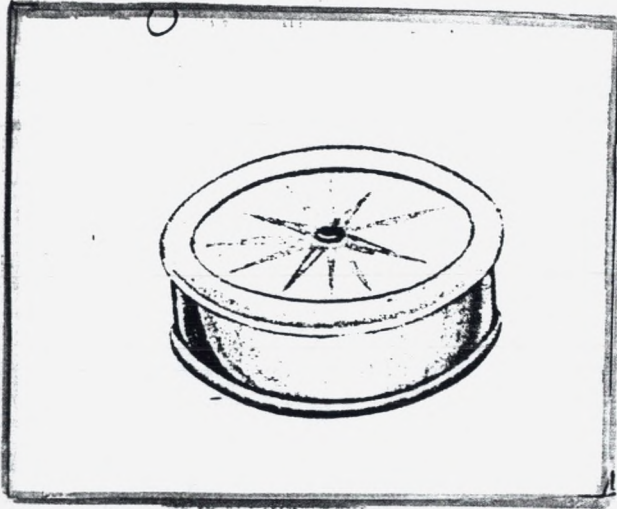
OCTÁVIO, José. *História da Paraíba*. 2ª ed., João Pessoa: Ed. Universitária, 1995

MONTEIRO, Vilma dos Santos C. *Pequena História da Paraíba*. João Pessoa: UFPB / Universitária, 1980

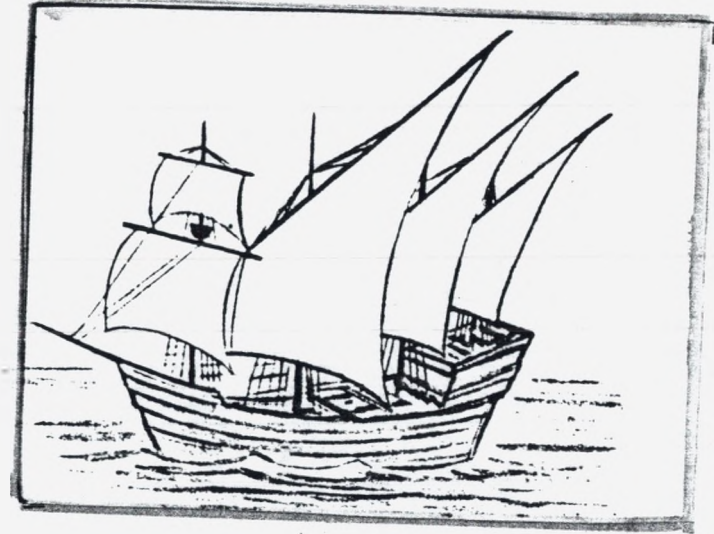
Cabral: "Descobrimento" ou "Encontro"



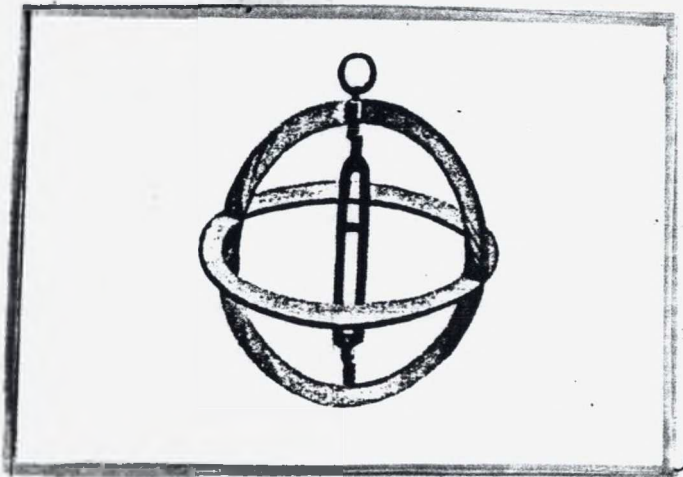
Aperfeiçoamento das técnicas



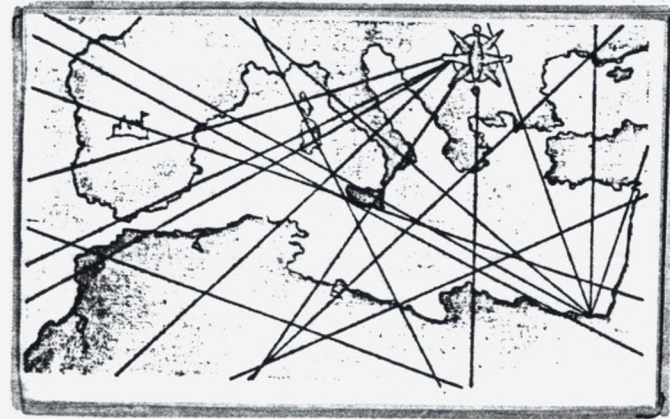
bússola



caravela

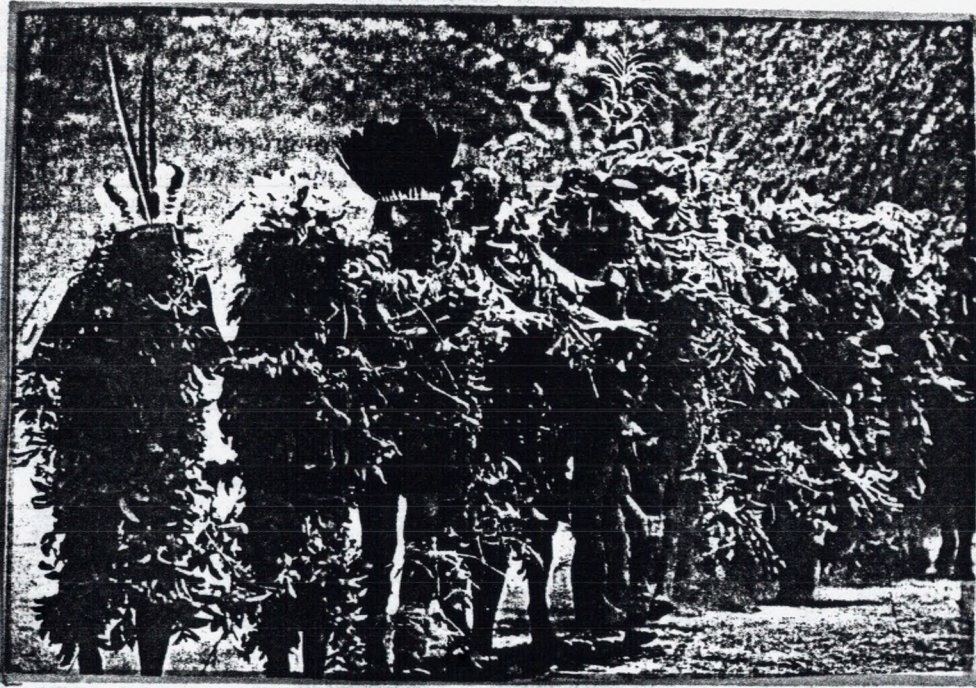


astrolábio



cartografia.

Habitantes da "nova" Terra



rituais
indígenas

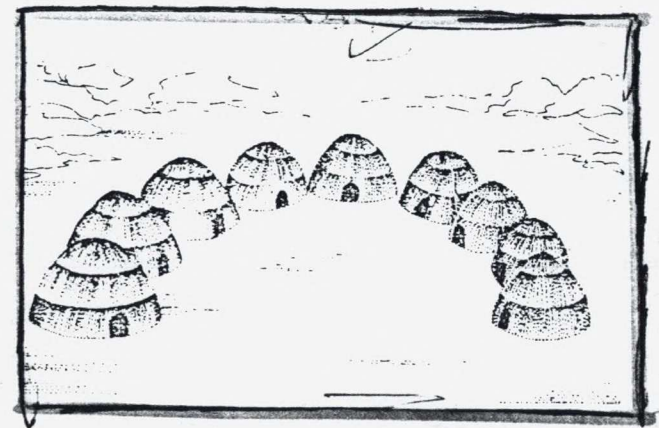
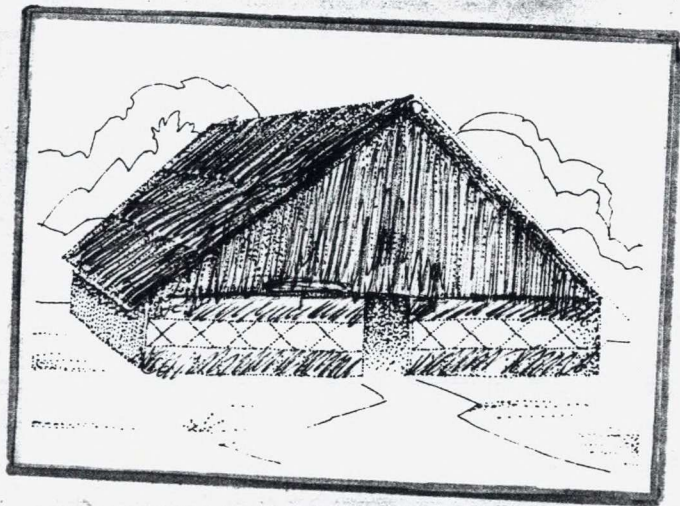
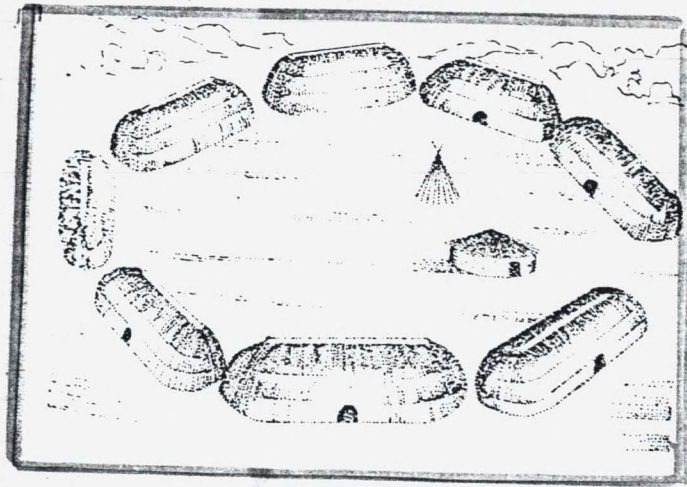


caça



Arqueotamento da natureza

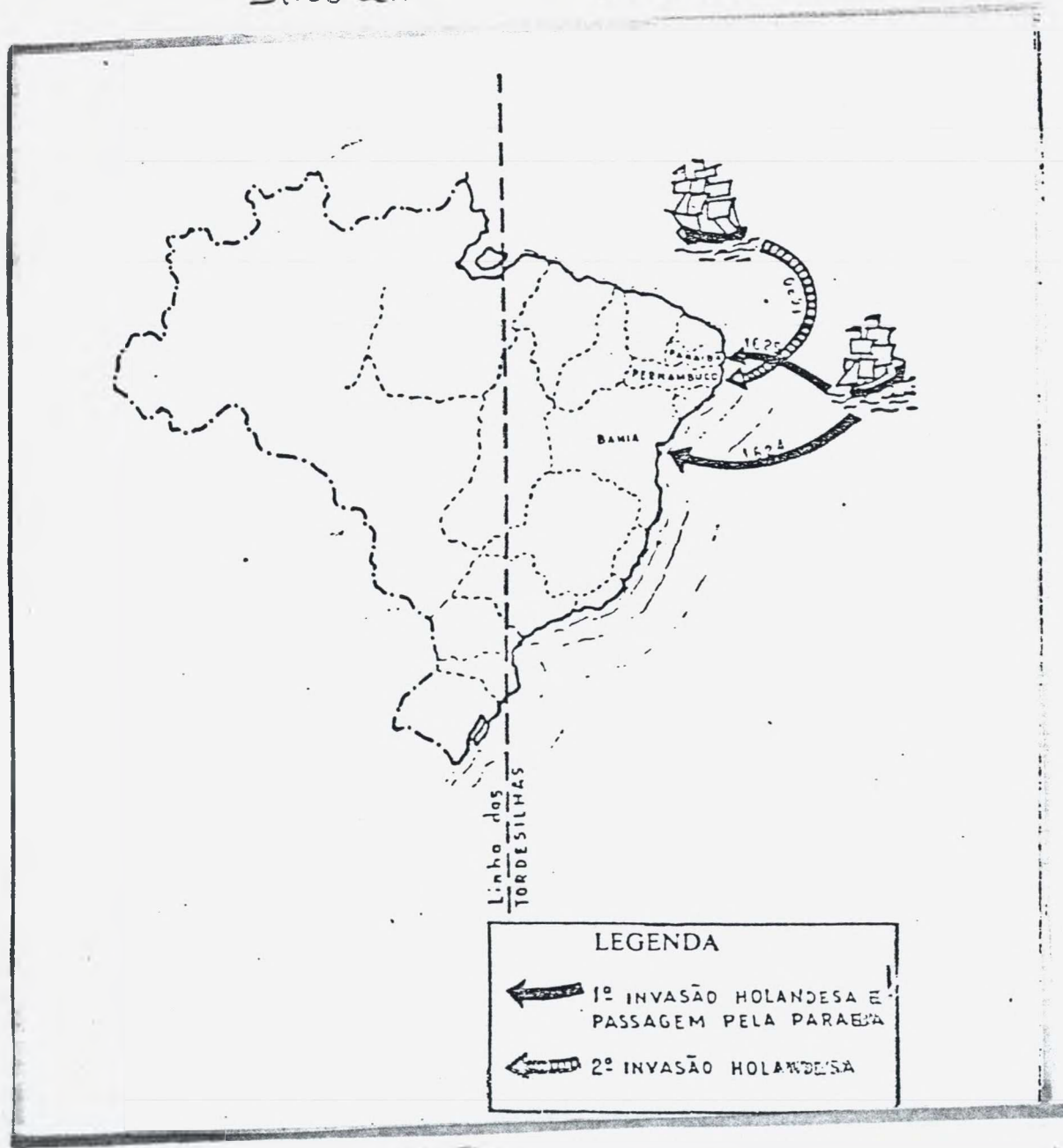
As habitações indígenas



Vestuário dos Portugueses



Invasões Holandesas



Questões para melhor compreensão.

1) - Formule frases a partir da palavra dada "descobrimento."

Para alguns historiadores a chegada dos europeus à América foi um "descobrimento" e para outros um encontro.

2) = O que você acha dos europeus terem comparado a nova "terra" como um paraíso?

Eu acho que eles ainda estavam presos às explicações religiosas, caracterizando assim um período de transformações.

3) = Na sua opinião o que você acha os portugueses deixaram ou encontraram o Brasil? Por que? Eu acho que eles não encontraram o Brasil porque quando os europeus chegaram já haviam comunidades com sua cultura própria com suas costumes, idiomas, religião, alimentação, vestimenta.

4) = Explique porque os portugueses viam os indígenas como povos não "civilizados".

Por que viam os costumes dos indígenas que eram muito diferente dos portugueses.

mas só 193 costumes como as roupas
dos indígenas, que era totalmente diferen
te dos Poluequeses.

Aluna: Mariana Katelly Alves do Nascimento
nº 27 5º g.

Atividade

1) Formule frases a partir da palavra "descobrimento".

2. Descobrimos o Brasil em 1492.

2) O que você acha dos europeus terem considerado a nova terra como um paraíso?

Eu acho tudo.

3) Na sua opinião o que você acha: os portugueses descobriram ou encontraram o Brasil?

4) Explique: Porque os portugueses viram os indígenas como povos não utilizados?

Aluna = Morgana

Série = 5 G

Professora: Lígia

Questões

19) - Como viviam os nativos brasileiros no momento das chegadas dos europeus.

Viviam em ocas, tinham suas casas nessas ocas eles viviam em completa liberdade em contato direto com a natureza não existindo maldade no seu modo de viver.

20) - Como era organizada a vida das tribos indígenas e, como era visto para os europeus o hábito de não usar roupas dos índios.

Eles achavam os índios felizes. Deixaram espaços para cumprir suas atividades religiosas.

Os europeus gostaram do jeito que os índios viviam.

Aluna: Maria Katielly
nº 28 5º G. Turma D

nome: Francisca Marta

Questões.

19) Como viviam os nativos brasileiros no momento das chegadas dos europeus

- x Eles viviam em
- x e ruínas. ou
- x viviam de caça, pesca e agricultura.
- x
- x

20) Como era organizada as habitações indígenas e como era visto para os europeus o hábito de não usar roupas dos índios?

Eles viviam em cas, organizada de tal forma que deixassem um espaço para seus rituais religiosos e festivos.

O nu para os índios não passava de um hábito de vida, para os índios era uma coisa normal, ao contato dos europeus que via o nu como uma coisa feia e imoral.

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademair Veloso da Silveira

Disciplina: História da Paraíba

Estagiária: Lígia Mª Pereira da Silva e Maria Gorete Fernandes

Aluno(a): Daniela Pereira S. Glizeira

Série: 1º Turma A Turno: noite Data: 26/05/97

8,5

- 1º) Quais foram as estratégias utilizadas pelos Holandeses para invadir a Paraíba?
- 2º) Quais as alianças feitas pelos moradores da Paraíba para expulsar os Holandeses?
- 3º) Cite algumas estratégias utilizada pelos Holandese para consolidar o seu domínio.
- 4º) Na sua opinião, quais os incentivos que os Holandeses utilizaram na agricultura e suas contribuições para a atualidade.

Comente essa frase:

- 5º) "Os holandeses usaram como estratégias de dominação a liberdade de culto, pois antes só era tida como oficial a religião católica, pois os índios eram considerados pelos europeus como pessoas que não tinham religião"...

Boa Sorte.

Respostas

1. Os holandeses fundaram nas Américas a Companhia das Índias Ocidentais, depois resolveu invadir a Eldônia (Brasil); Ocuparam a Bahia; Outra estratégia utilizada pelos holandeses foram alianças que fizeram com os índios Potiguara e depois medo conseguiram informações detalhadas dos moradores daquela capitania. Ainda como estratégia os holandeses motivados pelo auxílio prestado por parte dos Índios Potiguara. Nesse período os holandeses estavam recebendo reforços da Holanda e uma grande ajuda de calabar, com isso o caso de Pedro Poti. = 2º

2. Com a notícia da chegada dos Holandeses a cidade de Felipéia, os povos que aqui viviam usaram estratégias de resistência, ou seja, Antônimo de Albuquerque Maranhão usou a guerrilha, como também fez alianças com os índios, os moçabouros saquearam armazéns, pedecaram fogo nos lavadouros e finalmente fugiram para o interior levando ou destruindo tudo que pediam, como forma de resistência a invasão holandesa, em outros palavras, uma estratégia para não deixar nenhum resultado de trabalho de que aqui viviam. 2.º

3. Os flamengos procuraram estratégias e formas de alianças como garantia para aqueles que lhes apiassem. Aos senhores de engenhos concediam empréstimos a preços baixos, para recuperar os seus engenhos que foram danificados nas "guerrilhas", estratégias para garantir o crescimento comercial de seus produtos. Ainda davam incentivos e ajudavam a importação de escravos, pois o número de escravos estava muito reduzido devido as epidemias que haviam acontecido, essa mão-de-obra era considerada por eles necessárias para o cultivo da cana-de-açúcar. Para evitar os revoltos ao trabalho compulsório, os holandeses concedeu aos escravos o "dia de descanso". 2.º

4. O estudo do solo adequado para a agricultura. Foi introduzido novas plantas em grande escala com a finalidade de exportação. Ex. o fumo e o algodão, o plantio de agriculturas de subsistência. 1.5

5. Os holandeses usaram como estratégia
de denominação a liberdade de culto, pois
antes se era tida como oficial a religião católica,
por os índios eram considerados pelos europeus
como pessoas que não tinham religião. 1.0

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História da Paraíba

Estagiária: Lígia M^a Pereira da Silva e Maria Gorete Fernandes

Aluno(a): Rozaneke Domingos da Silva Nº 20

Série: 1º Ano Turma A Turno: Noite Data: 26/05/97

75/

- 1º) Quais foram as estratégias utilizadas pelos Holandeses para invadir a Paraíba?
- 2º) Quais as alianças feitas pelos moradores da Paraíba para expulsar os Holandeses?
- 3º) Cite algumas estratégias utilizada pelos Holandese para consolidar o seu domínio.
- 4º) Na sua opinião, quais os incentivos que os Holandeses utilizaram na agricultura e suas contribuições para a atualidade.

Comente essa frase:

- 5º) "Os holandeses usaram como estratégias de dominação a liberdade de culto, pois antes só era tida como oficial a religião católica, pois os índios eram considerados pelos europeus como pessoas que não tinham religião"...

Boa Sorte.

Resposta

- (1º) → FUNDAÇÃO DA COMPANHIA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS NA AMÉRICA.
- INVASÃO DO NORDESTE
 - ALIANÇA ENTRE OS HOLANDESES E OS ÍNDIOS POTIGUARAS.
 - REFORÇOS DA HOLANDA E A GRANDE AJUDA DE CALABAR.

(2º) → SAQUEARAM OS ARMAZENS, COLOCARAM FOGO NAS LAVOURAS DESTRUÍRAM E LEVARAM O QUE PODIAM E FUGIRAM PARA O INTERIOR E ASSIM MOSTRARAM DESSESA FORMA QUE TIVERAM RESISTÊNCIA A INVASÃO DE HOLANDESES. E NÃO DEIXARAM NENHUM RESULTADO DO SEU TRABALHO.

- (3º) → ALIANÇA COM OS ÍNDIOS POTIGUARAS E COM OS NEG. FUGITIVOS
- ALIANÇAS FEITAS COM JUDEUS ONDE OS HOLANDESES PROCURAVAM APOIAR E INCENTIVAR SUA IMIGRAÇÃO.
 - ALIANÇAS COM SENHORES DE ENGENHOS.

(4º) NA AGRICULTURA OS HOLANDESES ~~FO~~ INCENTIVARAM A CRIAÇÃO DE GADO, OU MELHOR, DE ANIMAIS QUE SERVISSEM COMO ALIMENTO.

E A CONTRIBUIÇÃO PARA A ATUALIDADE FOI A LIBERTAÇÃO, A LIBERDADE DAS VERDADES CESTUMES E RELIGIOSAS.

(5º) → OS HOLANDESES TROUXERAM PARA OS NEGROS
O DIREITO DE SEREM GENTE, PORQUE OS EUROPEUS
PENSAVAM ELES FOSSEM ANIMAIS. 2º

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademir Veloso da
Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor(a) Estagiário(a): Lígia M. Pereira da Silva

Série: 5ª Turma: 6 Turma: 7ª Data: 17-05-97

Lista de Presença

1. Silvana Bandeira nº 45
2. Adriana de Lima Santos (1)
3. Raimundo Francisco da Silva nº 34
4. Waldete Costa Santos
5. Raimundo nº 33
6. Maria da Glória do Nascimento nº 24
7. Ama Carolina Monteiro Silva nº 5
8. Zilda Bezerra Galdino nº 46
9. Maria da Glória do Nascimento nº 37
10. Maria Katielly Alves do Nascimento nº 28
11. Wanda Aparecida da Silva nº 44
12. Ana Lúcia Ferreira da Silva nº 46
13. Patrícia Balleza nº 30
- 14.
15. Jussara Ferreira da Silva nº 0
16. Euráquio nº 45
17. Cristiane nº 10
18. Renato Ferreira nº 39
19. Erika Lillione nº 14
20. Andrea Pradino nº 8
21. Renato nº 35
22. Rulena Dominges nº 38
23. Maria Aleksandra Pereira da Costa nº 23
24. Roguel Noronha Silva
25. → Georgiana yonana

~~João~~ Josefa Fabricio
maria do Socorro Santos de
Souza nº 25

Luciani nº 22

Maria Juliana da Silva
Eucilayne Cristiane nº 16

Troneide Souza Silva nº 19

Alexandra Rodrigues de Souza nº 9

Fabiana da Silva Souza

Raquel Almeida Simão nº 31

Francisca Herla nº 18

Lista de presença

26-05-97.

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ateirão Veloso da Silva.

Disciplina: História da Paraíba.

Estagiária: Ligia Mª Pereira da Silva.

1ª série: Turma: Noite.

- 1 Mª da Guia Santos Ferreira → 6,5
- 2 Elza de Volima de Lima Souza → 6,0
- 3 Mosanete Domingos da Silva → 7,5
- 4 Gilmar dos Santos → 5,0
- 5 Demétrio J. da Silva → 7,5
- 6 Leonilda Felix dos Santos n.º 7 → 5,5
- 7 Angela Quintina Silva de Lavoralho n.º 05. → 5,5
- 8 Siurama Costa Ferreira n.º 40 → 7,0
- 9 Selange Andrade Silva n.º 43 → 5,5
- 10 Mª Aparecida Gomes de Oliveira n.º 26 → 5,5.
- 11 Calquira Rosa Pereira n.º 42 → 6,5
- 12 Litoria de Oliveira n.º 28 → 5,5
- 13 ROSIPEIDE SILVA DOMINGOS n.º 37 → 7,0
- 14 Fabiana Tavares de Moraes n.º 15 → 6,0
- 17 FRANCISCO BATISTA DE ARAÚJO → 7,0
- 14- Misslene Martins Bêca n.º 33 → 7,5
- 15- Sanyara Costa Ferreira n.º 38 → 5,0
- 16- Edna maria Belo da Silva n.º 12 → 6,0
- 17- Rosilda Barbosa Nascimento n.º 35 → 6,5
- 18 Jozemar do Nascimento → 5,0
- 19- Fabrcia Tavares de Moraes n.º 16 → 4,5
- 20 - micheli Teixeira Costa - n.º 32 → 6,5
- 21- Elaine bustina Silva Sauto n.º 13 → 5,0
- 22 - Kelly Laurina de Souza n.º 23. → 8,5
23. Daniela Pereira S. Oliveira n.º 08 → 8,5
- 24- Patrícia de S. Monteiro, n.º 34. → 8,0

Eliana Araújo de Farias N=34 → 7,0

Vanúbia Pereira de Sousa. N= 43. → 6,0

Francisco do N. Patricio N= 02 → 6,0